





EX-LIBRIS



BORBA
MORAES

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

A LUNETTA MAGICA.

TYPOGRAPHIA DE JOÃO IGNACIO DA SILVA.

A
LUNETA MAGICA

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

TOMO I.

RIO DE JANEIRO.

B. L. GARNIER, — LIVREIRO-EDITOR,

69 RUA DO OUVIDOR 69

A LUNETTA MAGICA.

Introdução

I.

Chamo-me *Simplicio* e tenho condições naturaes ainda mais tristes do que o meu nome.

Nasci sob a influencia de uma estrella maligna, nasci marcado com o sello do infortunio.

Sou myope ; peor do que isso, duplamente myope, myope physica e moralmente.

Myopia physica : — a duas pollegadas de distancia dos olhos não distingo um gira-sol de uma violeta.

E por isso *ando na cidade e não vejo as casas*.

Myopia moral : — sou sempre escravo das idéas dos outros ; porque nunca pude ajustar duas idéas minhas.

E porisso quando vou ás galerias da camara temporaria ou do senado, sou consecutiva e decididamente do parecer de todos os oradores que fallão pró e contra a materia em discussão.

Se ao menos eu não tivesse consciencia dessa minha myopia moral !... mas a convicção profunda de infortunio tão grande é a unica luz que brilha sem nuvens no meu espirito.

Disse-me um negociante meu amigo que por essa luz da consciencia represento eu a antithese de não poucos varões assignalados que não tem dez por cento de capital da intelligencia que ostentão, e com que negociação na praça das cousas publicas.

— Mas esses varões não *quebrão*, negociando assim ?.. perguntei-lhe.

— Qual ! são as cousas publicas que andão ou se mostrão *quebradas*.

— E elles ?...

— Continuação sempre a negociar com o *credito* dos tolos, e sempre se apresentão como *boas firmas*.

Na candida innocencia da minha myopia

moral não pude entender se havia simplicidade ou malícia nas palavras do meu amigo.

II.

Aos doze annos de idade achei-me no mundo orphão de pai e de mãe.

Eu estava acostumado a ver pelos olhos de minha mãe, a pensar pela intelligencia de meu pai; fiquei, pois, nas trevas dos olhos e da razão.

Meus pais erão ricos, e devião deixar-me, deixarão-me por certo avultada fortuna: quanto, não sei: meu irmão mais velho que tomou conta dos meus bens, minha tia Domingas que tomou conta da minha pessoa, e minha prima Annica que se creou comigo e que é um talento raro, pois até aprendeu latim, hão de saber disso melhor do que eu.

Dizem elles que a minha fortuna vai á vapor, ignoro se para traz se para diante, porque os barcos e carros á vapor avanção e recuão á custa do gaz impulsor; mas o meu amigo negociante declarou-me que por certas razões

que não comprehendo, nas quaes, tambem não sei porque, entra a pessoa da prima Annica, devo confiar muito no zelo da tia Domingas.

E eu confio nella o mais possivel ; porque é uma senhora que anda sempre de roزاری e em orações e que tendo alguma cousa de seu, ápezar de tão religiosa, não deu nem dá um vintem de esmola ao pobre que lhe bate á porta, pretextando sempre que tem muita vontade de fazer esmolas evangelicas ; porém que ainda não achou meio de esconder da mão esquerda o obulo da caridade pago pela mão direita.

Estou tão profundamente convencido da pureza dos sentimentos religiosos da tia Domingas, que desde que ella tomou conta de mim, vivo em sustos de que algum dia a piedosa senhora mande amputar a mão esquerda para conseguir dar esmolas com a mão direita, conforme o preceito evangelico de que em sua santa severidade não quer prescindir.

III.

Aos dezoito annos de idade comecei a comprehender todas as proporções da minha desgraça dupla : chorei, lastimei-me, pedi medicos para os meus olhos, e mestres para minha intelligencia.

A' força de muito rogar e bradar consegui que me dessem uns e outros.

Os mestres ganharão o seu dinheiro e eu quasi que perdi todo o meu tempo com elles ; porque bem pouco lucrei no empenho de combater a minha myopia moral.

O mais habil dos meus professores declarou-me no fim de quatro annos que um mancebo tão rico de cabedaes como eu era, podia bem reputar-se litterato de avantajado merecimento, sabendo ler, escrever e as quatro especies da arithmetica.

Convencido sempre que sò me dizião a verdade, e tendo conseguido saber, aos vinte e dous annos de idade, ler mal, escrever peor, e fazer com a maior difficuldade as quatro

especies da arithmethica, mandei embora o habil professor, e fiquei litterato.

Os medicos fallarão-me em cornea transparente, em crystalino, em raios luminosos muito convergentes, em retina, e não sei em que mais, e acabarão por dizer-me que aos sessenta, ou setenta annos de idade eu havia de ver muito melhor.

Dos medicos allopathas recebi esta consolação de melhor visão aos setenta annos, se estivesse vivo; dos homœopathas não sei se me derão o chrystalino em globulos, ou os raios convergentes em tintura; mas o facto é que em resultado de dez conferencias e de vinte tratamentos diversos não vi uma linha adiante do que via, e apenas posso gabar-me de não ter ficado cego com a luz de tanta sciencia.

O meu desgosto foi augmentando com os annos.

Meu irmão, que é um santo homem, me dizia :

— Consola-te, mano; tudo tem compensação: a tua myopia é uma desgraça; mas porque és myope não vês como são bonitos os

bordados da farda de um ministro de estado, e portanto não te exasperas por não poder ostentá-los.

Convém saber que meu irmão sahio eleito deputado na ultima designação constitucional, e mandou fazer a sua libré parlamentar ainda antes de ser reconhecido representante legitimo do povo soberano que anda de paletot e de jaqueta

Deste facto e da sua observação conclui eu em minha simplicidade que o mano Americo vive doudo por ser ministro para fazer o bem da patria.

E não é só elle; a prima Annica já sonhou tres vezes com mudança de gabinete, e com correios e ordenanças á porta de nossa casa.

Innocente menina! é um anjo: os seus sonhos são piedosos como as vigílias da tia Dòmingas, sua mãe, e patrioticos, como os calculos do mano deputado: ella diz com virginal franqueza que tem meia duzia de parentes pobres á arranjar, quando o mano Americo fôr ministro.

Meia duzia sò !... que abnegação e que desinteresse da prima Annica !

Ella está se tornando tão profundamente religiosa como a tia Domingas.

Já fez um ponto de fé d'este suavissimo principio : « *a caridade deve começar por casa.* »

IV.

O mano Americo tem sempre aberta para mim uma fonte perenne de consolações ; persegue-me, porém, a infelicidade de não saber apreciar bastante a sabedoria, que falla pelos labios de meu irmão.

Já disse como elle me consolava da minha myopia physica : pois bem : a sua bondade ia além : quando me ouvia tristes queixas da minha myopia moral, me apertava as mãos, e fallava assim :

— Agradece a Deus esse infortunio : estás livre de desgostos sem conta, de responsabilidades sem numero, e de tormentos sem treguas ; tu não sabes pensar ; mas eu penso por ti e por mim ; tu mal dirigirias os teus

negócios ; mas eu dirijo os teus e os meus negócios ; tu soffres muito menos do que eu soffro ; porque eu soffro por ti e por mim.

Que alma santa a de meu irmão !

É todavia quando isso ouço, lembra-me que o mano Americo foi o testamenteiro e inventariante nomeado por meus pais, e que até hoje está de posse das minhas heranças, que elle emprega e zéla, certamente só em meu proveito, mas sem me dizer como, nem jamais dando-me contas ; e portanto pensando, negociando e soffrendo por mim o meu pobre irmão !

Doe-me tamanho sacrificio ! ah ! se eu conseguisse tomar para mim metade dos trabalhos e soffrimentos do mano Americo... a minha metade só... para elle não soffrer por mim !

Porém se por acaso manifesto de leve esse desejo, alvoroça-se o amor fraternal, meu irmão se enternece, me abraça e diz :

— Innocente Simplicio ! não serei tão egoista que te abandonne ás cilladas dos homens sem consciencia, que devorarião a tua

fortuna. A minha dedicação é na verdade pesada ; mas é um dever e Deus a abençôa.

Vejo-me, pois, obrigado a ficar devendo ao mano Americo o favor de tomar conta da minha fortuna, e de emprega-la por mim.

E como é ingrata a humanidade ! já cheguei a suspeitar que a dedicação do mano é mais suave do que elle diz.

A primeira vez que me confessar heide perguntar ao padre, se Deus abençôa taes dedicações fraternaes : é este um ponto que deve ser esclarecido para que seja mais doce a submissão dos irmãos myopes.

V.

Minha tia tambem me faz ouvir consolações, e sempre conforme ás suas idéas religiosas.

Para ella a minha myopia physica é um immenso beneficio da providencia, que assim menos exposto me deixou ás tentações do dñabo, que ataca o pecador pelos olhos: e a minha myopia moral ainda mais precioso dom, porque *dos pobres de espirito é o reino do céo.*

A logica piedosa da tia Domingas seria capaz de leva-la a rezar para que eu me tornasse surdo, mudo e paralytico, a fim de ser completa a minha bemaventurança na terra.

Em consequencia deste receio nunca disse *amen* ás consolações mysticas de minha tia.

Ainda tenho uma terceira fonte de consolações ; essa, porém, ao menos é mais poetica.

A prima Annica é perdida pelos apologos : quando pôde explicar-se por meio delles, não se explica de outro modo : o apologo é o seu capricho de moça.

Além disso ninguem como ella se empenha tanto e mais habilmente em agradar-me : sabendo que quasi não vivo pelos olhos, procura recommendar-se, assucarando a voz, e usando de perfumes suavissimos.

A's vezes e quando tem occasião faz-me tambem ouvir *apologos*.

Um dia em que como de costume lastimava a minha desdita, que então nem me deixava distinguir as flôres do jardim, onde ambos passeavamos, colheu ella duas flôres,

uma *rosa d'Alexandria*, e uma *angelica*, e deu-m'as para que eu as reconhecesse.

Aproximei muito dos olhos as duas flôres para apreciar suas côres e um espinho da rosa ferio-me a ponta do nariz, e ahi ficou preso.

— Repara no que te ensina a rosa, disse Annica ; repara e comprehende quanto te pôde aproveitar a myopia : as flôres que mais almejas distinguir e admirar não são as do nosso jardim, são as que enfeitão e enchem de magia os salões das sociedades, que não frequentas, são as jovens formosas com que sonhas em sonhos doudos de amor ainda mais doudo ; essas, porém, assemelhão-se á *rosa d'Alexandria*, tem espinhos que te despedaçarão o coração.

Annica interrompeu-se por breves instantes para suspirar ; eu ouvi o suspiro, e ia perguntar-lhe, na minha simplicidade, se estava encommoada, quando ella continuou ; dizendo :

— Contenta-te, pois, com a *angelica* que é suave ao tacto e que te pôde embalsamar a

vida do retiro com o perfume do amor e da virtude.

Fiquei mudo : tinha comprehendido o apologo apezar da minha myopia moral.

Annica fez talvez um esforço para vencer o pudor e perguntou-me :

— Sabes quem é a *angelica*?....

Instinctivamente me fingi mais pobre de espirito do que sou, e respondi perguntando :

— A *angelica*? pois não é aquella flor que me deste?....

Deixamos o jardim : eu sahia delle com um espinho de roseira na ponta do nariz, e Annica provavelmente com o espinho da minha indifferença no seio.

Senti que chegára a ser cruel ; mas eu nem sabia se Annica era bonita ou feia ; porque nunca podéra ver-lhe distinctamente o rosto : se fosse bonita não seria o seu amor a mais doce consolação para mim ?

Tive uma idéa inspirada metade pela gratidão, metade pela curiosidade maliciosa, a idéa de ver, se Annica era bonita ou feia, se me seria possível ama-la. Chegando á sala,

sentei-me e pedi á prima que me tirasse o espinho da ponta do nariz.

A innocente moça prestou-se a fazer a facil operação : armou-se da thesoura mais delicada que achou, com os macios dedos da mão esquerda segurou-me o nariz, com a mão direita dirigio a ponta da thesoura, e cuidadosamente occupada em extrair-me o espinho, chegou seu rosto tão perto dos meus olhos que mais não era possível.

Durante tres ou quatro minutos vi, distingui, apreciei sufficientemente o rosto de Annica... não era o rosto com que eu sonhava, não era o das descripções das heroínas dos romances que me tinham lido não era.

O rosto da prima Annica é muito *respeitavel*; mas em consciencia está muito longe de ser *angelico*.

A prova de que é muito *respeitavel* está em que não tive necessidade de expellir de minha alma o menor desejo *desrespeitoso*, achando-se esse rosto por alguns minutos ainda mais perto dos meus labios, do que dos meus olhos.

A prova concludentissima de que Annica não é *angelica*, está em que a operação me pareceu tão dolorosa como demorada.

Annica tivera a bondade de fazer-me ouvir a significação moral do seu apologo da *rosa d'Alexandria* e da *angelica*. O apologo não lhe aproveitou ; mas a culpa disso não está em mim.

Offereço agora, não á Annica, porque me pezaria molesta-la, porém ás senhoras a quem o caso possa interessar, a moralidade da historia da extração do espinho da ponta do meu nariz.

E' uma pequenina historia que tambem póde correr, como apologo.

A moralidade é esta :

Moça que não fôr bonita não se preste a extrair espinho da ponta do nariz de homem myope.

VI.

No principio do anno corrente de 186...
o excellente systema de governo que nos

rege, deu-me o signal da minha regeneração civil e politica.

Sem que o mano Americo, a tia Domingas e a prima Annica disso previamente soubessem, fui incluído na lista dos *jurados* da minha freguezia: quando chegou-nos a noticia do facto consumado houve em nossa casa uma especie de consternação.

Até que ponto chega o amor dos parentes, a influencia do sangue da familia! meu irmão, minha tia, e minha prima sobresaltarão-se ante o perigo que eu corria por me haverem reconhecido dotado de *sensu communi*!

Era certamente porque o mano Americo via que não lhe era possível ser também *jurado* por si e por mim. Eu ia começar a ficar exposto ás cilladas do mundo e dos homens sem consciencia.

O juiz de direito que presidira á revisão da lista dos jurados, resolvêra um problema até então intrincadissimo, declarando que eu podia ser *jurado*, e que por consequencia eu tinha *sensu communi*, condição exigida pela lei.

Eu fui alheio a tudo isso : estava mesmo convencido pelo mano Americo e pela tia Domingas que até o *sensu communi* me faltava ; confesso, porém, que mudei de opinião com intima e mal disfarçada alegria.

Um juiz de *direito* não pôde julgar de modo *torto* : ao menos tem a seu favor a presumpção de direito, que em falta de todos os outros fundamentos é fundamento que supprime todos os outros : para mim que não sei aprofundar as cousas, um juiz de direito é sempre tão infallível na sciencia do direito, como um padre na sciencia do latim.

Por consequencia fiquei convencido de que tinha *sensu communi*.

Ninguem faz idéa do profundo contentamento que me deu esta convicção.

E não era para menos.

O nosso código é necessariamente muito sabio e muito providente : exige que para ser jurado o cidadão brasileiro tenha apenas *sensu communi*, se exigisse *bom senso* haveria desordem geral, porque, segundo tenho ouvido dizer, muitos dos que tem feito e dos

que fazem leis, muitos dos que as devião mandar e mandão executar, e muitos dos que tem por dever applicar as leis, não Poderião ser jurados por falta do *bom senso* !

Dizem-me isso, e assegurão-me que o *bom senso* é *senso raro*.

Eu não entendo estas cousas ; mas attendendo ao que me dizem, chego a crer que foi por essa razão que a lei não impoz a condição do *bom senso* nem para que o cidadão fosse *jurado*, nem para que fosse *magistrado*, *deputado*, *senador* *ministro*, e *conselheiro de estado*.

Asseverão-me ainda que se assim não fosse, que, se se exigisse a condição do *bom senso* para o exercicio daquellas altas delegações e cargos do Estado, haveria quatro quintas partes do mundo official inteiramente fóra da lei.

Já confessei que não entendo destes graves assumptos ; como, porém, acredito piamente em tudo quanto me dizem, sinto-me cheio de orgulho pela convicção legalmente autorizada de que tenho *senso commum*, e apoderado

de irresistível vaidade com a presumpção de que sou igual a muitos magistrados, deputados, senadores, ministros e conselheiros de estado, pela falta de *bom senso* ou *senso raro*.

VII.

Na *primeira* convocação do jury o meu nome foi o *primeiro* que sahio da urna. Este successo deu que pensar e que fallar em casa.

A tia Domingas levou um dia inteiro a repetir : « *o primeiro na primeira* » ; passou assim o dia sem resar, nem sei se resou de noute ; mas na manhã seguinte propoz-me comprar de sociedade comigo um bilhete de loteria.

Eu não cabia em mim de contente ; o mano Americo hesitava, porém emfim conveio em que eu entrasse no exercicio do meu direito de cidadão jurado.

Creio que meu irmão procedeu assim pelo respeito que consagra ás leis, como me assegurou, embora a prima Annica me dicesse

em particular que o segredo da sua condescendencia esteve no receio de pagar multas.... por mim.

As senhoras são de ordinario muito maliciosas; achão graça em sel-o : Annica tem esse defeito; mas, diga ella o que quizer, eu penso que o mano Americo é simples e puro, como Adão antes de comer do fructo prohibido.

Compareci opportunamente ao tribunal de que a sorte me fizera membro : a sorte estava declarada por mim : logo no *primeiro* processo o meu nome foi ainda o *primeiro* que sahio da urna, e não pareci suspeito nem o advogado do réo, nem ao da justiça publica.

Prestei a maior attenção á leitura do processo, ás testemunhas e aos debates, e quando entrei para a sala secreta achava-me plenamente convencido pelo promotor de que o réo merecia a força ; pelo advogado do réo de que este era credor de uma corôa civica, e pelo juiz de direito que resumira a accusação e a defeza, de que o réo tinha jus á força e á corôa.

Na consulta secreta sentei-me junto de um bom velho que, vendo-me completamente às escuras em uma questão de attenuantes e aggravantes, quiz illuminar o meu espirito, fazendo-me ler uns artigos do seu *Manual dos Jurados*.

Não tive remedio, senão confessar-lhe as enormes proporções da minha myopia physica. Ler era para mim um martirio : pedi-lhe que me lê-se os artigos do seu *Manual*.

— Pobre moço : disse-me elle ; já procurou o Reis ?...

— O Reis ? quem é o Reis ?

— Quem é o Reis ?... pois um myope ignora quem seja o Reis ?... o Reis é o homem-luz, o homem-fonte de visão para os myopes : se elle não o fizer vêr, é porque o senhor é cego.

— Mas eu sou quasi cego.

— O Reis annulla-lhe o *quasi*, e dá-lhe o dom da vista perfeita : o Reis é o graduador de vidros miraculosos. O senhor tem sido deixado em abandono por sua familia.

— Pelo que me diz, começo a ter descon-
fianças disso.

— Escute : eu vou contar-lhe maravilhas em relação ao Reis.

— Mas o processo?

— Que nos importa semelhante massada?... deixal-os fallar, e discutir : nós já sabemos como havemos de votar.

— O senhor como vota?

— Votarei de modo que o réo seja necessariamente absolvido.

— Então tem certeza de que elle é innocente?

— Deve sel-o sem a menor duvida.

— Porque ?...

— Porque não menos de dous compadres e de tres amigos meus se empenhãrão para que eu o absolvesse.

— E tem razão : não posso acreditar que dous compadres e tres amigos de um juiz fizessem a este a injuria de pedir-lhe uma sentença injusta, julgando-o capaz de um prejuizo e de um sacrificio de consciencia.

— Deveras ?...

— O que me parecia, era que semelhantes pedidos e empenhos devião ser exclusivamente reservados para servirem de luz aos jurados

pobres de espirito, como eu ; porque os intelligentes, como o senhor, não precisão de quem lhes dirija as consciencias.

O velho pôz-se a rir, não sei de que : provavelmente eu tinha dito alguma necedade, e começava a sentir-me tomado de vexame e de confusão, quando o presidente chamou-nos a votar em resposta aos *quesitos* do juiz de direito.

O bom velho, meu novo amigo, exerceu naquelle conselho de jurados os direitos do mano Americo ; porque votou por si e por mim.

O réo foi absolvido pela maioria de dous votos, e por consequencia o empenho de dous compadres e de tres amigos e a minha myopia moral ducidirão da sentença.

Sahi do jury com a convicção de que ou não tenho *sensu commun*, ou é preciso mais alguma cousa além do *sensu commun* para que o cidadão seja bom jurado.

VIII.

Quando cheguei á porta da rua, senti que alguém me tomava o braço : era o bom velho.

— Quero leval-o já á casa do Reis : disse-me elle.

Apertei-lhe a mão com o mais vivo reconhecimento e deixei-me conduzir, hesitando entre a esperança e a duvida.

Emquanto caminhavamos, o meu conductor fallava e eu o ouvia curioso :

— O estabelecimento do *Reis* é um representante do espirito do seculo : começou plebeu e já está nobre pela constancia no trabalho e pelo encanto do progresso : não sei, se o Reis tem sido agraciado ; pouco importa o homem ; mas a casa, a industria já tem quatro condecorações nobiliarias.

— E o que faz o Reis ?

— Dá, reproduz os meios conhecidos, aperfeiçoa-os e inventa novos para se fazer a paz e a guerra, a guerrá, dando precisão, segurança ás pontarias das peças de artilharia, a paz, offerecendo *balanças* e *niveis* de todas

as qualidades, alguns dos quaes devem poder marcar o *peso* e o *nivel* dos interesses de quaesquer belligerantes, e além desses os mais perfectos instrumentos para demarcação dos limites dos Estados : governa nos mares com as melhores bussolas ; é senhor do sol e da lua, e de todos os planetas pelos mais fortes telescopios ; conhece e domina os animaes invisiveis pela força engrandecedora dos microscopios, vê o fundo tembroso das minas, tem o sceptro da *physica*, o imperio da *chymica*, a soberania da electricidade pela magia dos seus instrumentos, marca o tempo, prediz o calor e a chuva, e chama-se *Reis* porque não é um rei ; mas tem o poder de muitos reis.

Eu escutava boqui-aberto a concisa explicação de tão extraordinaria potestade humana, e quando o bom velho se interrompeu para respirar, perguntei-lhe :

— E um homem, como este, certamente já tem sido muito aproveitado pelo nosso governo ? !...

— Não : o nosso governo encommendou-

lhe um dia o mais perfeito *pince-nez* político : o Reis fez obra de mestre, um *pince-nez*, que por um dos vidros deixava ler as lições do passado e pelo outro os perigos do futuro; mas o *pince-nez* não achou nariz de ministro, em que se ageitasse, e foi despresado.

— Mas então o Reis que é? é magico?...

— Não sei; supponha que seja o diabo; o certo é que elle tem, e isso é o que mais lhe importa, o segredo de dar vista de aguia aos myopes mais infelizes, aos myopes quasi cegos.

— Porque meio, meu amigo ?

— Por meio de vidros, e de crystaes, cuja concavidade encerra sobrenatural magia; por meio de lunetas de força excepcional.

— E o governo esquece homem semelhante?... ha ministro que não se apresse á comprar uma luneta dessas ?...

O velho desatou a rir : perguntei-lhe qual era o motivo da sua hilaridade, e elle me respondeu assim :

— O senhor é sem o pensar, sem o querer cruelmente epigrammatico : fallei-lhe em lu-

netta para os myopes, e o senhor procurou logo saber, se os nossos ministros de estado não usavão dessas lunetas !!!

A simplicidade de um pobre de espirito está sempre exposta ás falsas interpretações dos maliciosos.

Eu não era capaz de pôr em duvida a videncia, a sciencia e a sapiencia de um homem que chega a ser ministro de estado.

O facto é a presumpção do direito, e para mim a infallivel resolução do problema.

Não pôde haver cidadão que seja chamado a tomar, e que tome sobre seus hombros a immensa responsabilidade do governo do Estado sem que seja reconhecido e se reconheça na altura de tão grandiosa missão.

Em minha innocencia não posso pensar de outro modo.

Para mim quem é ministro de estado é sabio, ou pelo menos estadista.

E' por isso que até hoje, quando me dizião, que no carro que passava, ia um ministro de estado, eu tirava o meu chapéo e me conservava descoberto em signal de

respeito até que me asseguravão que o proprio ordenança do ministro já estava longe.

Porque no proprio ordenança eu ainda admiro e venero os reflexos da sabedoria do ministro.

IX.

— Chegamos, disse-me o velho.

Um tremor nervoso agitou-me o corpo todo; mas ajudado pelo meu amigo subi dous degrãos de pedra e achei-me no armazem do Reis.

Não pude distinguir nem a casa, nem o dono della ; não precisei porém de olhos para sentir immediatamente a amabilidade do Reis.

O bom velho expoz as proporções da minha *myopia physica* e pediu remedio para ella ; ouvi logo abrir gavetas, e em breve começou o ensaio das mais fortes lunetas de vidro concavo.

O Reis despresou os vidros dos numeros mais altos das vinte e duas forças: prin-

cipiou por fazer-me experimentar um do grão quatro e perdeu completamente o seu tempo : deixou de lado os vidros concavos do grão tres e deu-me uma luneta da força numero dous, e ainda assim não pude ler o titulo de um livro que me apresentou, senão depois que cheguei o livro á duas pollegadas de distancia dos olhos.

— E' muito myope ! disse elle.

E desceu enfim ou antes subio ao vidro do grão numero um, o ultimo o *non plus ultra* dos vidros concavos, e recuou espantado, ouvindo-me dizer que não via mais nem menos.

-- E' incrivel ! exclamou.

— E portanto?... perguntei tão abatido que nem pude acabar a phrase.

— Não tenho recurso que lhe aproveite : respondeu-me com tristeza profunda.

Deixei cahir a cabeça sobre o peito : a extrema esperança que eu concebera poucas horas antes, acabava de apagar-se completamente: tive vontade de chorar e murmurei em tom queixoso :

— E todavia eu vinha tão cheio de confiança! esperava tanto!

— Que quer?... o poder humano que é o poder da sciencia, ainda não foi além dos instrumentos que inutilmente experimentou.

— Ah! é que o meu amigo chegou a fazer-me acreditar que o senhor era mais do que um simples homem, era uma especie de ente sobrenatural, um mago, um realisador de impossiveis principalmente em materia de instrumentos opticos.

— O seu amigo que é tambem meu, exaggerou muito as minhas pobres condições: eu não creio na magia; mas se lhe apraz consultar um pretendido magico, é cousa facil.

— Como ?...

— Mandei contractar na Europa um artista de merecimento superior para os trabalhos das minhas officinas, e chegou-me no ultimo paquete um armenio de habilidade extraordinaria; mas que me desagrada por ter pretensões á muito sabido em magia.

— Ainda uma esperança ! exclamei : eu me abraço com a mais tenue, com a mais dubia, e até mesmo com a mais louca : Onde está o armenio?...

— Em um pequeno gabinete no fundo da casa, e ahí dorme de dia e trabalha de noite e sempre só : é um maniaco.

— Poderia eu fallar-lhe ?

— Vou mandal-o chamar.

— Entender-me-ha elle?...

— Falla perfeitamente todas as linguas em que lhe fallão.

X.

Entramos para a casa das officinas ; porque o armenio não gostava de mostrar-se no armazem.

Vou dizer com inteira verdade o que ouvi e o que o bom velho meu amigo vio e me referio miudamente tanto nesta occasião, como á hora da meia-noite no gabinete misterioso.

Passados apenas alguns minutos o armenio appareceu.

Era um homem alto, magro e com os ossos muito salientes: trazia os cabellos crescidos, o rosto contrahido, a face macilenta enegrecida pela fumaça; suas mãos enormes estavam empoeiradas, e seus dedos coroados por grandes unhas parecião garras: vistia calças e blusa de panno vermelho.

— Que pretendem de mim? perguntou elle em portuguez.

Não me animei a fallar; o bom velho, meu amigo, tambem não ousou fazel-o: foi o Reis quem fallou por mim, expondo a minha infelicidade, e a *desesperada esperança* que eu concebera.

O armenio se approximou de mim, considerou-me durante alguns instantes, examinou-me os olhos, apalpou-me os ossos do craneo, e mostrando-se compadecido, disse:

— Não te quero mal, e o dia é máo: hoje é sabbado, e os genios sinistro predominão: escolhe outro dia, e eu te darei a vista.

O Reis fez um movimento denunciador da sua incredulidade.

O armenio encarou-o fixamente, e depois perguntou-lhe :

— Duvida sempre ?

— Não duvido, tenho a certeza de que a sua magia não é impostura sómente porque é lamentavel mania.

O armenio desatou a rir : devia ser um rir medonho, porque foi longa e estridente gargalhada, e porque, segundo me disse o velho, elle não tinha um unico dente.

— De que ri assim ?... inquerio o Reis.

— Do triumpho e do mal : duvidão do meu poder, e vou proval-o: eis o triumpho: infiltrarei o scepticismo na alma de um innocente mancebo ; eis o mal.

Tive um impeto de coragem, avancei um passo e pergutei-lhe :

— Dar-me-has a vista ?...

— Sim, e mais penetrante do que a desejas.

— Como ?

— A experiencia te responderá.

— E tu porque não ?...

— Que te importa?... já o disse: terás vista mais penetrante do que desejas e pensas: queres?

— Porque modo a terei?

— Dando-te eu uma *luneta magica*.

— Quando?

— Hoje mesmo e amanhã, na hora em que acabará o dia de hoje para começar o dia de amanhã, á meia-noute.

— E o teu premio?

— Será a tua proxima convicção de que é melhor ser cego, do que ver demais.

— Aceito.

— E' o mal.

— Aceito.

— E' o gelo no coração!

— Aceito.

— E' o scepticismo na vida!

— Aceito.

— Porque, creança?...

— Porque eu quero ver.

— Verás demais!

— Aceito.

— Volta á meia-noute.

XI.

Quando, de volta da casa do Reis, me achei a sós na solidão do meu quarto, comecei a sentir espinhos na consciencia, temores de incorrer em grande peccado por ir procurar na magia remedio contra a minha myopia physica.

Mas na luta do desejo ardente de ver bem e distinctamente, e dos meus escrupulos religiosos que acabavão de despertar, eu me reconheci tão fraco e tão peccador como Eva, porque pela ambição da vista deixava-me sempre escravo das promessas do armenio, como Eva se deixou escrava dos conselhos infernaes da serpente pela ambição da sciencia do bem e do mal.

Hesitei: meditei, e desconfiado da minha myopia moral, resolvi-me á consultar a opinião das tres consciencias mais sãs que eu conhecia no mundo.

A consciencia do mano Americo, o homem

que vivia por si e por mim, o typo do desinteresse e da abnegação :

A consciencia da prima Annica, a joven symbolo do amor mais dedicado, e sem sombras do egoismo.

A consciencia da tia Domingas, a velhã religiosa e santa, que vivia á resar, e que era toda mysticismo.

Dirigi-me ao mano Americo e perguntci-lhe.

— Se encontrasses um magico que te offerecesse um talisman com a virtude de te assegurar a victoria em todas as eleições de deputados, e de te fazer subir ao ministerio, que farias ?

Meu irmão respondeu-me logo :

— Para servir a minha patria, e dedicar-me todo a ella, eu aceitaria o talisman, e o traria sempre comigo.

Achei-me a sós com Annica, e apressei-me a consultal-a :

— Se houvesse um feiticeiro, que por artes diabolicas possuísse e te quizesse dar o segredo da formosura e da vida em cons-

tante primavera até cem annos de idade, que farias ?

— Abraçava o feiticeiro, tomava-lhe o segredo e pedia-lhe que te desse, mesmo por artes diabolicas, melhores olhos para que visses a minha formosura encantada.

Fui ter com a tia Domingas e fiz-lhe a seguinte pergunta :

— Se lhe apparecesse um homem suspeito de se ter vendido ao demonio, e lhe apresentasse o bilhete de loteria em que uma hora antes houvesse sahido a sorte grande, que faria ?

— Sómente pelo gosto de enganar o demonio, comprava o bilhete, e recebendo o premio, gastava metade em obras de misericordia.

Estas respostas socegarão o meu espirito: meu irmão que é a virtude civica, a prima Annica que é a pureza original, a tia Domingas que é a piedade zelosa, não achão que seja peccado aproveitar-se alguém, com intenções innocentes, dos favores da magia, da feitiçaria, e até do inimigo do homem.

A educação, os exemplos, as lições da família formão o character do menino e preparão o seu futuro.

Eu já estou na lista dos jurados, e já fiz parte de um conselho julgador ; mas ainda sou menino pela minha myopia moral ; consultei toda a familia sobre o meu caso de consciencia e todos os meus parentes votarão pela transacção com a magia em proveito do interesse pessoal.

Serenarão pois os meus escrupulos, e fiquei resolvido definitivamente á ir ao gabinete do armenio a meia-noute em ponto.

O bom velho, meu amigo, ficára de esperar-me perto da nosssa casa para levar-me á do Reis.

Não me despi, nem me deitei e quando ouvi o signal de onze e meia horas dado pelo sino de S. Francisco de Paula, sahi do meu quarto, fui de manso até a porta da rua que um escravo fiel me abriu, e logo depois tomei o braço do bom velho que me esperava e seguimos para o nosso destino.

XII.

Encontramos o Reis á porta do seu armazem.
Entramos.

Faltavão dez minutos para a meia-noite.

— Vamos ter com o armenio, disse o Reis.

E passou adiante para dirigir-nos.

Nunca maldisse tanto da minha myopia physica ; porque aõhava-me possuido da mais viva curiosidade, desejava e não me era dado *ver* o que se hia passar, e apenas posso hoje relatar o que o bom velho meu amigo, e o Reis tambem desde esse dia muito meu amigo, me contarão muitas vezes com todos os permenores.

Avançamos por um longo corredor : o velho levava-me pela mão, e a mão do velho estava enregelada e tremula

O Reis repetio duas vezes :

— Isto não passa de uma comedia, que nos fará rir amanhã : a verdadeira magia

está nas maravilhosas realidades das sciencias physicas.

Mas a voz do Reis estava um pouco alterada e como se o seu coração palpitasse forte e apressadamente por nervosa agitação.

Chegamos ao fim do corredor, e o Reis levantava a mão para bater á uma porta que nos ficava ao lado esquerdo, quando esta immediatamente se abriu.

Os meus dous companheiros recuarão um passo: eu não recuei, porque não vi cousa alguma.

— Como é bom não ver! disse uma voz cavernosa.

XIII.

O gabinete do armenio estava todo pintado de negro, tendo em branco os caracteres especiaes de todos os dias da lua marcados pelas vinte duas chaves do Tarot e pelos signaes dos sete planetas: no meio do tecto tambem

negro via-se a figura do pentagramma em vermelho vivissimo.

No fundo do gabinete uma mesa servia de altar da magia: junto a ella uma pelle de leão tapisava o chão, immenso panno vermelho cobria completamente a mesa, e nesse panno erão mais de cem as figuras cabalisticas pintadas em negro.

Sobre o altar maldito descansavão os instrumentos da magia e entre outros a vara magica, a espada, a taça e a lampada: á um lado, no chão, estava a tripode. Globos, triangulos, a figura do diabo, a estrella de seis raios, o abracadabra, as combinações do triangulo, e uma infinidade de symbolos enchião a mesa e o gabinete.

O armenio magico vestia a roupa propria do sabhado, simples tunica cinzenta com caracteres bordados em seda cõr de laranja, tendo ao pescoço uma medalha de chumbo com o signal cabalístico de Saturno e as palavras ou nomes—*Amalec*, *Aphiel*, *Zahahiel*, e trazia na cabeça um barrete triangular de cõr branca com o pentagramma em cõr negra.

— Entrai, disse o armenio: tudo está prompto.

Entramos no gabinete, que estava cheio de luz: o armenio sentou-se na tripeça e nós ficamos de pé: elle se concentrava: nós tremíamos.

De subito o armenio levantou-se, como cedendo á impulso irresistivel, e quando elle se levantou os sinos derão o signal de meia-noute.

— E' a hora disse elle, e tomando a espada, brandio-a no ar, e as luzes se apagarão.

Ficamos em completa escuridão; mas sentimos e comprehendemos que o armenio se movia e laborava, como se estivesse vendo tudo á luz do sol ao meio-dia.

No fim de alguns minutos a lampada magica lançou e manteve uma tenue flamma que começou pallida e fraca, pouco e pouco foi se tornando intensa e rubra, e da qual o armenio retirou a ponta da espada, que pareceu tel-a acendido.

Logo depois elle tomou a lampada entre suas mãos e deu alguns passos para os quatro

lados do gabinete, parando breves instantes em cada um dos lados, e estendendo os braços de cada vez na direcção de um dos quatro pontos cardeaes, feito o que tornou a pôr a lampada no seu lugar, e sobre ella collocou uma peça de ferro composta de tres hastes que se firmarão na mesa e que na sua parte superior se approximavão e erão ligados por um anel de tres correntes de ouro retorcidas, em cima do qual elle depositou um simples vidro concavo do gráo mais fraco.

Em seguida onvimol-o exorcisar em latim os espiritos elementares, e fallar e evocar as ondinas, as salamandras, os sylphos e os gnomos: empregou assim meia hora pelo menos á entender-se com invisiveis e duvidosos ou chimericos seres.

Apenas acabou de fallar, lançou sobre o fogo pequenas porções de diagridio, escammonea, pedra hume, enxofre e assa-fetida.

Resistimos ás ondas do activo perfume que inundou o gabinete.

A flamma da lampada tornára-se viva, bri-

lhantissima, derramando tanta luz como se mil bicos de gaz illuminassem a pequena sala.

A operação magica adiantava-se, o armenio começou a exaltar-se e bradou com força : Cashiel ! Schaltiel ! Aphiel ! Zarabiel !...

E a flamma da lampada redobrou de intensidade, como se obdecesse á voz do magico.

O gabinete parecia já arder em ondas de luz tão deslumbrante e vivissima que se diria o fulgor dos relampagos demorado, continuado sem intermitencia.

De repente uma faisca se desprende da flamma da lampada e foi, como pequena setta de fogo vivo, cravar-se e estremecer no fundo da concavidade do vidro que estava sobre o anel de ouro ; uma tenue bolha de vidro fervente agitou-se em torno da faisca que sem apagar-se tomou a fórma mycroskopica de uma salamandra, o genio elementar do fogo que banhava-se no fogo, brincava no fogo aspirava e respirava fogo.

Mas o armenio tocou com a ponta da espada na faisca que fazia ferver a bolha de vi-

dro no fundo da concavidade, e disse com accento dominador :

— Fica ahi !

A salamandra microscopica dobrou-se, como fugindo á ponta da espada, e o fogo da lampada de rubro que era se tornou pallido.

— Fica ahi ! tornou elle com voz mais forte ainda.

E a salamandra foi se mergulhando na bolha de vidro fervente, e a flamma da lampada principiou á vacillar.

— Fica ahi ! bradou o armenio pela terceira vez.

E a salamandra desapareceu de todo na bolha do vidro que se abateu e sumio-se sem deixar vestigios, nem depressão nem ruga na concavidade pulida, e a espada que firme conservará a sua ponta, onde brilhara a faísca mágica, obdecendo á mão do armenio se retirou.

Immediatamente a flamma da lampada se extinguiu, como ao sopro de um genio invisivel: reinou outra vez no gabinete profunda escuridão, e logo ao começarem as trevas, pare-

ceu que um suspiro quasi imperceptivel movêra o ar, mas tão de leve, tão subtilmente, como o vôo de uma borboleta.

Era talvez a queixa extrema da salamandra presa; porque ainda se ouviu a voz do armenio, que disse com imperio de senhor :

— Fica ahi, escrava !

Pouco depois illuminou-se de novo o gabinete do armenio, que lançando algumas gotas de um liquido perfumado sobre o vidro que expozera á operação cabalistica, retirou este completamente frio do anel de ouro, onde o havia collocado.

Sem dizer-nos uma só palavra, sem parecer occupar-se da nossa presença, o armenio armou o vidro em um aro de ouro, e no ponto em que o aro circular se liga ao anel destinado ao cordão pendurador, imprimio sinistro sello, uma letra cabalistica, com um sinete de fôrma triangular, e enlaçou no anel da luneta um cordão finissimo, em que se entrançaõ cabellos de todas as côres, e de diversos animaes.

Estava terminada a magica operação. O armenio me entregou a luneta, e disse-me então:

— Triumpho, e faço mal; mas posso prevenir o mal: criança! tu és innocente e bom eu me compadeço de ti; escuta.

Recebi tremendo, a luneta, que ainda apenas sentia pelo tacto e não tinha visto pelos olhos, e escutei o armenio, que continuou á fallar-me:

— Dou-te uma luneta magica: verás por ella, quanto desejares ver, verás muito: mas poderás vêr demais. Criança! dou-te um presente que te pôde ser funesto: ouve-me bem! não fixes esta luneta em objecto algum, e sobre tudo em homem algum, em mulher alguma por mais de tres minutos: tres é o numero symbolico, e para ti será o numero simples, o da visão da superficie e das apparencias: não a fixes por mais de tres minutos sobre o mesmo objecto, ou aborrecerás o mundo e a vida.

Eu estava todo tremulo, e não sabia que dizer.

O armenio disse áinda:

— Esta luneta é a maravilha da magia:

por ella verás demais no presente, e poderias ler no futuro; mas o teu coração é bom, e a tua alma é pura : criança além do numero de tres minutos está a visão do mal, que o meu poder de magico não te póde impedir; porque a visão do mal é a vingança da salamandra escrava; mas a fixidade dessa luneta além do numero de treze minutos é á videncia do futuro, e essa eu t'a impesso, Cashiel ! Schaltiel ! Aphiel ! Zarabiel ! eu t'a impesso, criança louca : essa luneta fixada além de treze minutos se quebrará em tuas mãos !

E tendo assim fallado, empurrou-nos rudemente para fóra do gabinete, e trancou-nos a porta.

Voltamos espantados e mudos pelo extenso corredor : o que se tinha passado era tão maravilhoso que nos estava impondo a eloquencia sublime do silencio.

Chegados ao armazem os meus dous amigos, o bom velho e o Reis convidarão-me a experimentar logo, alli mesmo, e á luz do gaz a minha luneta magica.

— Não; disse-lhes eu : esta luneta é a

minha extraordinaria esperança de luz : a luz da noite, se a dá a lua é emprestada, se a dá a arte dos homens, é artificial : quero, devo esperar ó dia, a luz da natureza, quero esperar a aurora, e o sol.

Um homem que espera pela luz, espera pela vida. Eu ainda duvidava do poder magico do armenio : não quiz apagar minha dubia esperança na mesma hora, na mesma noite em que ella nascêra.

Despedi-me do Reis e sahi com o bom velho, que ainda se prestou a acompanhar-me.

Quando entrei em minha casa, davão os sinos o signal de tres horas da madrugada.

Pouco falta para romper a aurora e brilhar o sol.

Em breve experimentarei se vejo, como e quanto vejo.

Agora vou fazer por dormir, se puder dormir.

PRIMEIRA PARTE.

Visão do mal.

I.

Não me foi possível dormir. Fiquei velando ancioso a esperar pelo dia, como o preso que espera ouvir soar a hora, em que lhe assegurarão a liberdade.

Procurei abreviar o tempo, occupando o meu espirito : naturalmente lembrarão-me os conselhos que me dera o armenio.

Reflecti.

O magico me recommendára que me abstinhesse de fixar a minha luneta sobre o mesmo objecto por mais de tres minutos ; porque além de tres minutos ella me daria a *visão do mal*, em que a salamandra cevaria a vingança da sua escravidão encantada.

Deverei eu obdecer n'este ponto ao conselho

do armenio ? compreendo bue pobre de espirito como sou, arrisco-me a errar gravemente, querendo deliberar por meu proprio entendimento, e por isso até hoje o mano Americo que é sabio e justo, sempre tem pensado por mim.

Todavia está me parecendo que ver o *mal* que se contém em um homem, em uma mulher ou em qualquer objecto, pôde antes ser util do que nocivo, porque em todo o caso me servirá para fugir do *mal*.

Eu não entendo bem o que o armenio chama *visão do mal* ; se porém é simplesmente o que significão as duas palavras, chego a presumir, que a *visão do bem* ha de por força ser mais suave ; mas a *visão do mal* necessariamente mais proveitosa ao homem que faz na terra a viagem difficil e perigosa da vida.

Ora o que o armenio me prohibio, foi a fixidade da minha luneta por mais de treze minutos, foi a *visão do futuro*, sob pena de quebrar-se a luneta em minhas mãos, e á semelhante calamidade nunca por certo me heide expôr ; elle porém não me prohibio,

apenas me aconselhou que me abstivesse da *visão do mal*.

Assim pois, o que mais acertado e prudente devo suppor, é, se a *luneta magica* não fôr malvada zombaria ou presente da loucura, experimentar uma vez a *visão do mal* ; porque em todo caso conservo o direito e arbitrio de limitar-me dahi em diante á simples *visão da superficie e das apparencias*, com diz o magico.

Foi isto o que reflecti, e o que pela primeira vez resolvi por mim sem consultar o mano Americo.

E de novo nesta noute maravilhosa veio-me a lembrança de Eva e reconheci a minha procedencia legitima da primeira peccadora ; mas em vez de achar na procedencia e no primeiro peccado lição contra a desobediencia, achei sómente desculpa da minha curiosidade talvez temeraria.

II.

A frescura das auras matinaes annunciou-me que se approximava a aurora.

A janella do meu quarto se abre para o jardim e olha para o oriente : lancei-me para a janella abençoada e com a minha luneta na mão deixei-me ficar em pé, immovel, contando n'alma os instantes que ião passando vagarosos.

Eu respirava as exalações deleitosas das flôres do jardim, e sentia nos meus cabellos e no meu rosto a doce impressão dos sopros da madrugada.

De subito perguntei a mim mesmo em quem ou em que faria o ensaio, á experiencia do encanto da minha luneta.

Embora eu tivesse acabado de recorrer a magia, o meu coração estava sempre e todo voltado para o céu.

Lembrou-me logo *ver* uma flôr, que é symbolo de pureza ; mas regeitei esta idéa ; por que a flôr é apenas ornamento da terra.

Preferi *ver* a aurora que tambem é flôr : mas é rosa do céu.

A aurora ! eu nunca tinha visto a aurora ! ouvira ler vinte, cem descripções da formosa precursora do sol, e chorára vinte, cem vezes

por não poder admirar a diva matutina que recebe diário culto dos thuribulos das flôres e da musica dos passarinhos.

E' a aurora, é a rosa do céu que, antes de tudo mais, quero *ver* se puder *ver* ; é a aurora que é pura, que é o sorrir do sol mandado de longe á terra, é a aurora que eu contemplarei por mais de tres, por dez minutos sem temer a *visão do mal* ; porque no seio e atravez da aurora só poderei *ver* o sol, que é magestade pela luz, vida pelo calor, providencia pela regulação do movimento dos planetas.

III.

E estremecei, ouvindo o canto dos passarinhos no jardim, e o ruído e a festa da natureza, saudando o despontar da aurora.

Era tempo ; mas demorei-me ainda, aspirando mais luz, mais brilhante alvorecer no horizonte : o meu coração palpitava com força, a minha alma estava nadando em mar de

esperanças e de temores : emfim minha mão
se ergueu convulsa fixei a luneta

Oh ! felicidade ! oh supremo goso ! . . .
eu vi ! eu adorei a aurora !

Ah ! contemplei esse quadro ao mesmo
tempo gracioso e magnifico de rosas de fogo
suave, esse rubor da virgem do oriente acen-
dido pelo beijo de fogo brando que o sol na
face lhe imprime !

Como é bella, esplendida, fresca, sublime
a aurora ! não se descreve : é como o primeiro
despertar de noiva formosa no leito nupcial,
mistura de gloria e pejo, de pudicicia e de
flammas que fazem corar é o indisivel
o céu abrindo-se á terra.

Eu estava embevecido a olhar a aurora pela
minha luneta magica, admirava, apreciava
uma á uma todas as petalas daquella rosa do
oriente que resume mil rosas, todas as nuan-
ças daquellas tintas de fogo sahidas dos pinceis
dos raios do sol

Esqueci o tempo a olhal-a sem duvida
eu ia já além de tres minutos

E de repente as rosas fulgurantes forão se

apagando vi uma nuvem negra, feia, hor-
rorosa preparando em seu seio tempestade
violenta, senti a trovoada e o raio, as trevas
perto da luz, o estridor abafando o trinar das
aves

Vi o sol, mas não senti nem a luz da mages-
tade, nem o calor que fecunda, vi os raios de
ardor desastroso que crestão as plantas e pre-
parão a miséria e a fome; vi raios que pela
insolação tinham de produzir a loucura, vi raios
que forjados para vibrar sobre os tanques de
aguas estagnadas, e sobre os paues, ião levantar,
espalhar miasmas e com elles derramar a peste
e a morte sobre os homens, vi o sol — não
formoso— ; mas cheio de *manchas* ; vi o sol
— não fonte de vida— mas senti a sua força
attractiva forjando só os terremotos, os cata-
climas, o horror

Recuei assombrado a *luneta magica*
abandonada pela mão que a sustinha, cahio-
me no peito nada mais vi, exclamei porém
com dôr profunda :

— Meu Deus ! como a aurora é enga-

nadora e falsa ! e como o sol é feio
terrível e máo !!!

IV

O armenio tem razão : a *visão do mal* é um tormento ; ver muito é um erro ; ver de mais é um castigo : a temperança é virtude que deve presidir e moderar os gosos de todos os sentidos do homem.

Porque, para que me expuz a desestimar a aurora que é tão formosa, e a descobrir na natureza e na influencia do sol que dizem ser fonte de vida, tantos germens de destruição e de morte? porque e para que ficar-me na alma esta desconfiança das illusões da aurora, esta certeza de que o sol é tambem assassino da criação e assolador da terra ?

E porque esta *luneta magica* além de tres minutos de fixidade só me deixou ver os males e os horrores que o sol pôde produzir e negou-me a contemplação dos seus beneficios ?

Oh ! foi dolorosa ; mas será proficua a lição: d'ora avante saberei defender-me da vingança terrível da salamandra escravizada : aborreço, não experimentarei mais a *visão do mal* : basta-me a *visão da superficie e das apparencias*. Se o mundo é de enganos, se a vida é de illusões, se na terra a felicidade do homem está nas illusões dos sentidos, e nos enganos da alma, eu quero illudir-me e enganar-me para ser feliz.

Oh ! vem, minha *luneta magica*, vem ! mas para que eu te fixe sómente dous minutos sobre cada objecto.

E eu fixei a luneta nas flôres, cujo matiz, e cujas côres variadas e bellas enfeitiçarão meus olhos, fixei-a nos passarinhos, nas borboletas, nas folhas das arvores que ainda lagrimejavão gotas de orvalho e festejei todos estes thesouros da natureza, que eu via, e distinguia perfeitamente pela primeira vez.

Gozei uma hora de inexplicavél encantamento, gozei muito, muito ; mas, preciso é confessar, os meus gozos, suavissimos embora, forão sempre perturbados por dous sentimen-

tos que de certo modo os deixavão incompletos.

Fixando a minha luneta eu sentia logo e quasi ao mesmo tempo medo, e curiosidade; medo de esquecer o tempo e de chegar a *visão do mal*, e curiosidade teimosa, -insistente, insidiosa e cada vez mais forte dessa mesma *visão do mal*.

Pouco e pouco venci o medo, medindo instinctivamente os minutos; não pude porém vencer, domar a curiosidade, que em luta aberta com a minha razão, martyrisava-me, aguçando um desejo fatal.

Essa curiosidade era como a tentação do demonio que nos arrasta ao peccado: meus labios havião já tocado uma vez na taça offerecida pela tentação, e o veneno que eu bebera, abrasava o meu seio, e eu tinha sêde devoradora da *visão do mal*.

A salamandra, o genio, o demonio tentador estava incessantemente a dizer-me ao ouvido que eu era senhor de um poder, de que nenhum outro homem, nem sabio, nem rei, podia usar e aproveitar-se, e que só a fraqueza

de animo ou os hábitos rudes da mais triste ignorância explicariam o abandono, o sacrificio desse poder encantado que me fazia penetrar e ler no intimo dos seres.

E foi no instante em que mais violento era o combate da curiosidade com a razão que divagando, passeando com a minha luneta, vi a prima Annica entrar no jardim.

V.

Fitei-a.

A prima Annica estava vestida de branco e com os cabellos soltos. Eu já tinha idéa do seu rosto, mas ainda não apreciava bem o seu porte: agora não tenho duvidas sobre o juizo que fazia do seu merecimento physico.

Annica não é feia, nem bonita : abre muito os olhos, porque os tem pequenos e sem o fogo do sentimento : seu rir é triste, sua cintura delicada, os braços são tão finos que movem dó, e os pés tão grandes, que fazem pena : tem cabellos pretos, finos e bastos ; o seu parecer porém, a sua figura, o seu andar são de

um desenxavimento, que desconsola. O melhor dom que a natureza lhe deu foi a voz, que é doce e maviosa como a queixa de uma santa.

Retirei a luneta antes de passar o terceiro minuto ; mas immediatamente senti o impulso da curiosidade que se tornava irresistível.

Esqueci o protesto feito, esqueci a dor da primeira experiencia da *visão do mal*, esqueci, suffoquei a razão que ainda me fallava, condemnando o desejo imprudente, e dizendo a mim mesmo :

— Preciso saber com quem vivo.

De novo fitei a minha luneta sobre a prima Annica, que estava dando os bons dias ás suas flôres.

A principio vi somente o que já tinha visto, que ella não era nem bonita nem feia, mas notavelmente desenxavida. Passados tres minutos não lhe vi mais o rosto, nem a figura, vi-lhe o coração e alma ; o coração era uma pedra de gelo, a alma era o espirito reduzido a calculo, a alma era como o seu olhar sem o fogo do sentimento ; no seu coração li a indiferença e a tristeza, na sua alma a ambição de

um marido rico que lhe desse mais o gozo da mesa, do que o esplendor do luxo e das festas; era, é a mulher fria, egoísta, positiva, material, incapaz de amizade, e ainda menos susceptível de amor, mulher que sendo esposa nunca desejaria um filho, nem teria zelos do marido, mulher sem caridade, porque só vivia occupada de dormir bem, comer bem, e passar bem.

Encontrei a minha imagem na alma de Annica, mas a minha imagem estava ali, como se fora um X em um problema de algebra : eu era em sua alma uma hypothese de marido, e como letreiro, como nome da minha imagem li em caracteres arithmeticos a somma das legitimas, das heranças que me havião deixado meu pai e minha mãe !

E mais viva do que a minha imagem vi a do mano Americo que é muito mais rico do que eu, (sem duvida porque elle pensando por dous pensava mais e melhor em si, do que por mim e em mim) vi a imagem do mano Americo, outra hypothese de marido, mais desejada, mais afagada do que a minha hypo-

these, mas só com afagos de calculo, e sem um ligeiro afago de amor.

E, á excepção do gelo e do calculo, coração morto na vida, alma esteril, secca, inhospita:

Annica é a mulher do egoismo sublime: comtanto que lhe dessem boa casa, boa mesa, bom jardim e melhor pomar, amas se tivesse filhos, criados que a deixassem não trabalhar, silencio e isolamento á noute para dormir a vontade, poderia enviubar vinte vezes, dando á memoria de seus finados, não a consolação das lagrimas do amor e da saudade, mas a da certeza de não ter sido infiel, nem falsa a nenhum delles menos por virtude, do que pela acerbidade e aridez de sua alma enregelada: que mulher! olhos sem lagrimas, terra sem vegetação, mar sem ondas nem tempestades, céu sem estrellas e horisonte sem nuvens, natureza rochedo.

Desviei a minha luneta dessa mulher, campo arido, deserto infindo de areas estereis sem um só oásis consolador.

Mulher calculo, mulher arithmetica, mulher sem sentimento, mulher sem amor, mu-

lher egoismo é um triumpho da materia sobre o espirito, mais terra do que céo, mais pó do que alma, mais lodo do que pureza da eternidade : é a mulher monstro que calumnia a mulher creada por Deus ; é um assombro que se faz admirar pela hediondez.

A prima Annica tornára-se para mim repulsiva, mais do que repulsiva, repugnante.

Jurei que nunca mais fixaria nella a minha luneta magica.

VI.

Amarga desillusão acabava de obumbrar-me o animo : a prima Annica que tanto procurava agradar-me e que pudibunda recorria aos apologos para manifestar-me a ternura dos seus sentimentos, a prima Annica que eu reputava o symbolo do amor mais puro e desinteressado, não era mais do que uma mulher insensivel, egoista, e sómente preocupada dos gozos da vida animal !

Eu nunca sentira amor pela prima Annica ; mas votava-lhe amisade fraternal, e experimento

verdadeira magoa, reconhecendo que não posso mais estimal-a como d'antes : doce amizade ! é uma flôr de menos no jardim do meu coração.

Entretanto não me arrependo de haver-lhe devassado a alma, e descoberto a verdade dos seus sentimentos mesquinhos e vis : esta senhora, pelo menos não ha de mais enganar-me.

As vozes do mano Americo e da tia Domingas que, entrando juntos no jardim, dirigião gracejos á Annica, chamarão a minha attenção.

Eu já não combatia mais a curiosidade da *visão do mal* : o conhecimento á que eu chegára, da falsidade da prima Annica, me excitava o desejo de esmerilhar os segredos de outros corações.

Lancei a luneta sobre o mano Americo e observei-o : mancebo de agradavel parecer, é pena que seus olhos, aliás bonitos, não tenham firmeza no olhar, que não se demora em objecto algum e parece ou temeroso ou movido por preoccupações do espirito divagar estonteado, ou fugir á observação dos homens :

além desse defeito, notei que sua boca escapára de ficar sem lábios, tão finos são estes, e que o seu sorrir mostrava ser antes uma concessão artificial de apparente alegria, do que signal expontaneo de intima lédice.

E passarão tres minutos : oh ! minha cega e immensa credulidade ! o politico patriota era apenas um ambicioso vulgar ! o nome da patria era uma alavanca, a dedicação ao povo um meio de construir escada : Americo queria subir, queria ter influencia ; mas nem ao menos por vaidade, ou tambem um pouco por vaidade ; sómente porém por calculos de fortuna, sómente para explorar as posições officiaes em seu proveito material : desprezava as graças, os titulos nobiliarios, o brilhantismo da côrte, as fardas de ricos bordados de ouro ; mas desejava tudo isso como signaes de importancia pessoal para negociar ainda mesmo com as exterioridades : talentoso, instruido, habil vende-se ou vender-se-ha, aluga-se ou alugar-se-ha sem parecer que o faz, ostenta e ostentará independencia, e abnegação, não pedindo jamais ao governo favor algum para si ; mas

fará questão de um contracto, cuja celebração irá dar contos de réis á sua mesa de advogado; fará questão de um privilegio para a empresa de que não é, nem será accionista ; mas cuja gratidão já foi em segredo ajustada. Sua eloquencia será ameaça viva á todos os ministerios novos ; o leão parlamentar porém se deixará levar por um fio de seda, que elle transformará opportunamente em corrente de favores, não para si, só para amigos, cujo reconhecimento *nada tem* com as suas relações com os ministros : e servirá ao Estado, e será patriota assim, e subirá, e ha de ser grande na sua terra.

Dá o nome de amigos a tres mil conhecidos, sabe angariar sympathias, colhe os fructos de mil prestimos, e não é amigo de homem algum, sabendo todavia servir com empenho áquelles que tem de servil-o em dobro depois ; mas serve só e sempre como intermediario, do seu apenas serve, dando o tempo que emprega para pedir e obter.

Em relação á familia Americo negocia com a legitima paterna da prima Annica, com a

fortuna da tia Domingas e com a minha : convenceu-nos a todos de que perderamos a quarta parte do que possuíamos na quebra das casas bancarias em 1864 ; elle porém ganhou nessa crise setenta e cinco por cento da somma das nossas tres fortunas prejudicadas, isto é, augmentou a sua riqueza na proporção exacta de nossas perdas : não toma compromisso sério ; deixa que a tia Domingas lhe falle muitas vezes do seu casamento com a prima Annica; mas projecta abdicar em mim esta gloria, e fareja entre os dotes ricos o dote mais rico para se casar com elle, aceitando como meio indispensavel da transacção, uma pobre noiva condemnada aos tormentos da sua indifferença.

Não esquecendo que sou seu irmão, Americo não me ama, mas olha-me com piedade : creio que não me deixará morrer de fome, creio ; porque tenho horror à incredulidade em tal hypothese; creio, revoltando-me contra a *visão do mal* ; mas vejo bem que se elle puder, absorverá tudo quanto possuo.

Americo não é avarento, porque despende

bastante para viver com decencia e algum luxo ; é porém o homem sedento de ouro, e para quem familia, patria e Deus se resumem no —ouro.

Enriquecer é a sua idéa : se chegar a possuir cem mil contos terá ambição cem mil vezes maior, e não fará bem algum á humanidade.

Entristeci-me profundamente, pensando no que acabava de ler no livro aberto da alma de meu irmão ; logo porém, e como ancioso a procurar, a pedir uma consolação, fitei e observei por dez minutos a tia Domingas.

E' uma senhora de sessenta annos, gorda, sympathica, e perseguida de ataques erysipelatosos que a tem avelhantado mais que os annos : traz ao pescoço tres ou quatro breves da marca, e na mão o rosario em que aponta as suas orações : sua physionomia é placida, tranquillã como a face de um pequeno lago, é um espelho da virtude da paciencia, e nos seus olhos que a miudo se voltão para o céu parecem brilhar os raios da esperança e da fé.

Mas a *visão do mal* mostrou-me em seguida

a hypocrisia de sua face: a tia Domingas é invejosa e má: detesta as moças porque é velha; maldiz das traições e dos enganos do mundo porque não espera mais ser trahida, nem enganada; benze-se, levantando aleives ás visinhas, ou propalando suas fraquezas; faz incriveis economias no governo da casa, esconde dentro do colxão e das almofadas de sua cama o dinheiro que poupa, e no principio de cada mez se lamenta da insufficiencia da verba concedida por Americo para a manutenção da familia; não dá um vintem de esmola aos pobres; arranca á rudeza, e á calumnia odienta dos escravos os segredos verdadeiros e falsos da vida intima de seus senhores, e faz das confidencias capitulos de accusação maledicente acompanhados sempre de um — *Deos me perdoe! na terra o acho, na terra o deixo!* e peccadora que pecca mil vezes por dia, pensa que engana a Deus, rezando, quando não pecca.

Tem no mundo um amor, é sua filha; aborrece Americo; mas finge que o estima para ver se consegue casar Annica ou com

elle ou em ultimo recurso comigo : aborrece-o porque lhe inveja a riqueza que elle accumul-la, adoral-o-hia, se Annica se tornasse senhora de metade da sua fortuna : não me ama, mas tolera-me, sou a seus olhos um genro obrigado na falta de Americo.

Pela força do habito os labios da tia Domingas estão em movimento incessante, porque sua boca repete machinalmente as orações de seu rosario ; interrompe, porém as orações a cada instante no governo da casa para proferir pragas contra os escravos, chamando mil vezes pelo nome do diabo ; mas não tem idéa deste peccado ; porque reza, como pecca, e pecca como reza, sem intenção, nem consciencia.

A tia Domingas é santa pela cara, e condemnada pelo coração.

Retirei a minha luneta, sahi da janella, e murmurei tristemente :

— Com que gente eu tenho vivido !
que desillusões, meu Deus ! que desgraça é perder como perdi a confiança nos parentes, e o amor que eu sentia por elles ! ! !

VII.

A *visão do mal*, o conhecimento das paixões ruins, dos vícios, dos intentos perfidos occultos nas dobras negras dos primeiros corações humanos que eu devassára com a minha luneta magica, dos tres corações, em que eu mais confiava, e que mais amava, começarão a produzir no meu espirito os seus naturaes effeitos.

Se meu irmão, minha tia e minha prima, os unicos parentes que me restavão no mundo, os dous primeiros que me havião creado desde bem tenros annos, Annica que fôra minha camarada da infancia, quasi minha irmã, assim tão cruelmente me enganavão, que podia eu esperar dos estranhos e dos indifferentes?...

E o armenio aconselhar-me que me abstivesse da *visão do mal!* que erro! devo eu preferir viver illudido e victima cega, estúpida, entregue de corpo e alma áquelles que abusão da minha innocencia e simplicidade

para sacrificar-me ao seu egoísmo e á sua ambição criminosa ?

— Oh ! mil vezes não ! a *visão do mal* me envenenará talvez a vida ; mas ha de ser o meu escudo contra os perfidos, e me acenderá luz para livrar-me dos laços da traição

Eu sinto já que a minha myopia moral vai se de desvanecendo sob o influxo de uma sciencia amarga, desconsoladora, triste, comprimente ; a sciencia do mal ; em todo caso porém *sciencia*.

Eu já comprehendo e reflecto ; já sei meditar, e resolver por mim : não sou mais o pupillo perpetuo do mano Americo. A *visão do mal* emancipou-me.

Doe-me ter perdido a suave, a deleitosa crença da lealdade do amor dos parentes ; doe-me, porém acabo de perdê-la.

VIII.

A myopia moral, a ignorancia completa do mal, a innocencia conservarão-me até esta manhã franco, simples, sem uma nuvem de

suspeita na alma, sem desconfiança dos outros, e com o coração aberto, transparente aos olhos de todos.

O conhecimento do mal vai operando em mim forçosa modificação de idéas e de sentimentos.

Já sei que é preciso fingir : já o sei ; porque estou determinado a esconder de Americo, da tia Domingas, de Annica e de todos a principal virtude da minha luneta : direi que por meio della distingo melhor, mas ainda imperfeitamente os objectos.

Vou por tanto dissimular e enganar ; primeira lição da sciencia do mal que a *visão do mal* me está dando ; primeiro passo no caminho tortuoso da desmoralisação ; mas inevitavel ; porque é preciso dissimular e enganar para defender-me de parentes desamorosos e perfidos e para, cauteloso e seguro, realizar projectos que desde alguns minutos fervem no meu espirito exaltado pelos resentimentos do coração.

Nas lutas do mundo devo bater-me com armas iguaes ás daquelles que me hostilisão :

dissimulação contra dissimulação, engano contra engano.

Em uma hora experimentei tres desillusões que me envelhecêrão trinta annos ! os gelos de tres desenganos apagarão no meu seio o fogo santo de tres affeições profundas, innocentes e puras.

IX.

Tenho na mente uma providencia que me é necessario tomar em breves dias : tenho no coração um vacuo que ardentemente desejo preencher sem precipitação mas quanto antes.

Quero retirar do mano Americo a gerencia da minha fortuna : eis a providencia que vou tomar: acharei um procurador zeloso, prudente e honrado que se incumba deste negocio, e o effectue sem escandalo, e sem descredito de meu irmão, a quem não me dirigirei sobre este assumpto ; porque me repugna expor-me ao extremo de confundil-o em face.

Não preciso de informações nem de recom-

mendações para a escolha do meu procurador : a minha luneta magica me ensinará qual d'entre muitos merecerá ser preferido.

Hoje mesmo darei principio a este estudo, aos trabalhos desta descoberta ou preferencia.

O preenchimento do vacuo do coração é mais difficil, e ha de ser mais moroso.

Estou ; mas não é admissivel que eu possa viver sem familia.

Estou sem familia , a *visão do mal* rompeu os laços que me ligavão aos meus tres e unicos parentes.

Essas tres affeições, essas tres unicas flôres do jardim do meu coração murcharão para sempre, e o meu seio ficou deserto e noute.

Nasci para amar, tenho sede de amor ; não posso viver assim.

A familia é na terra a beatificação da vida do homem : a familia é o mundo em festa no lar domestico : a familia é a immensa vida de amor, em que se identificão algumas vidas que se amão, que se abração, que se completão : a familia é a consolação no infortunio, o suave

descanço no fim do trabalho e das lidas, é o rir de muitos pela felicidade de cada um de seus membros, é na extrema hora o collo em que se encosta a cabeça para dormir o ultimo somno, é o pranto de amor que orvalha a sequidão da morte, a mão de amor que religiosa fecha os olhos do morto.

Eu quero ter familia, não posso viver sem ella.

Estou como engeitado que sahe do hospicio, estou só, sem um parente, estou —deserto e noute, e aspiro sociedade e luz.

O engeitado não tem ; mas pode criar e cria uma familia para si, procura uma mulher, e abre-lhe o coração : a mulher o faz esquecer o deserto e a noite do passado, dando-lhe a sociedade, e acendendo-lhe a luz do presente e do futuro.

A mulher é a placenta da familia, é a criação privilegiada, a ultima e a mais mimosa criação de Deus, que em um sorrir divino nella derramou a graça que encerra o encanto da vida do homem.

Eu quero procurar uma mulher joven, bella

e pura, que me dê familia : eu estou deserto e noute ; quero receber a companhia do coração e a luz dos olhos de uma mulher formosa e santa : quero um anjo, a cujas azas brancas me prenda para sahir do deserto e da noute.

Avalio bem as proporções immensas da minha aspiração ; mas a *luneta magica* me deixa ler os segredos de todas as almas, e, mercê desse encantado privilegio, heide achar o botão de innocencia que almeijo, a noiva — anjo da terra que adorarei perpetuamente.

A' mesa do almoço appareci com a minha luneta, e causei surpresa : disse que auxiliado pelo poderoso vidro, podia ver melhor do que dantes, embora menos do que desejava ; mas acabando de almoçar e usando da luneta, servi-me de um palito sem pedir que m'o dessem.

Diante dessa prova evidente de que já me era facil distinguir um palito, o mano Americo abriu a boca espantado, a tia Domingas benzeu-se, e a prima Annica concertou com faceirice as dobras e o laço do seu *fichu* que aliás não tinhamo desconcerto algum.

Emfim meu irmão e minha prima derão-me uns parabens que me parecerão muito dessa-boridos : minha tia disse : « Deus te abençõe para que não peques pelos olhos ! » e eu despedi-me e fui para o jury.

X.

Nas ruas vi tudo de passagem e frui mil gozos novos para mim com a simples *visão das apparencias* ; mas chegando á sala do jury e tomando a minha cadeira, dispuz-me a não poupar o meu privilegio da *visão do mal*.

Nesse dia não sahi sorteado, embora se formassem dous conselhos que consecutivamente julgarão o primeiro um, o segundo dous réos.

Em qualquer dos tres réos encontrei um coração negro, um homem fêra ; do primeiro julgado, porém, não lhe descobri na consciencia indício algum do crime de que o accusavão, e foi exactamente contra esse que mais vigorosa se desencadeou a palavra do accusador.

Fitei minha luneta no advogado que assim

fallava por parte do autor, e no fim de breves minutos reconheci que elle estava convencido da innocencia do réo que accusava.

Examinèi no segundo processo a consciencia do eloquente defensor dos dous réos justamente processados por crime de homicidio, e vi que elle fazia prodigios de habilidade sophista para illudir os jurados, e leval-os a obrigar injusta sentença de absolvição.

Arredei de meus olhos a luneta que acabava de fazer-me descer do sacerdocio da advocacia.

— Como é, perguntei á mim mesmo ; como é que um advogado ostenta a mentira e o dolo, rebaixando uma das mais nobres e esplendidas profissões, sustentando, demonstrando o contrario do que pensa e do que sente, para ganhar a somma, porque contractou a accusação ou a defeza ?

— Como é que se abate assim o talento, e se aniquilão as grandes noções do dever ?

Um advogado era para mim a luz do direito, o escudo da innocencia, o campeão da lei ; era a sabedoria a pleitear pela justica : como

pois um advogado se anima a mentir diante de Deus e dos homens, a malfazer a sociedade, esforçando-se com todo o poder das suas faculdades para que se julgue innocente e puro um assassino conhecido e provado, um malvado que elle sabe que é assassino? e mil vezes ainda peor, como é que outro advogado profundamente convencido de que o réo não commetteu o crime que lhe imputão, ousa ir accusal-o, ousa ir pedir que o encarcerem, que o condemnem á trabalhos forçados?

E além da mentira o dolo! o dolo; porque taes advogados se empenhão em enganar os juizes de facto, tecem ardiz, desfigurão os actos praticados, enredão e perturbão as testemunhas, tornão o processo chaos com o fim de arrastar o jury a decisões contrarias á verdade e á justiça e só em proveito dos clientes que os tem contratado para accusar ou defender?

E do mesmo modo que praticão em questões criminaes, que affectão a moralidade e a segurança da sociedade, e a liberdade e aos direitos individuaes, hão de tambem praticar

nas questões que se referem a propriedade !... haverá pois advogado que convicto da infame velhacaria do seu cliente, ainda assim lhe alugue a sua banca, que devia ser altar nobilissimo, e ponha em tributo os recursos da sua sciencia para ajudar o cliente a roubar o alheio ? ! ! !

Ah ! *visão do mal* que me estás levando a descrêr da humanidade ! tu me serás talvez fatal ; mas eu te quero, e não te dispenso mais ; porque tu és luz, embora sejas luz do inferno.

XI.

Entre o primeiro e o segundo processo tivemos uma hora de folga, que tanto durou o conselho secreto.

O meu velho amigo, cujo nome quero agora declinar, o Sr. Nunes veio sentar-se junto de mim : apertei-lhe a mão com força, prazer e confiança ; pois era á elle que eu devia o ter ido á casa do Reis, onde encontrei o maravilhoso armenio.

— Então? perguntou-me o velho; que tal achou a luneta? estou ancioso por saber-o; não dormi um instante toda a noite: que me diz da luneta?

— E' admiravel, meu amigo.

— E' na verdade magica?

— Estupendamente magica.

— Conte-me alguma cousa.

Contei-lhe tudo.

Commetti um erro, sendo completamente franco na exposição de todas as minhas experiencias, e outro, ainda maior, na confidencia dos meus dous projectos, o de encarregar a um procurador habil o arranjo dos meus negocios com o mano Americo, e o de crear para mim uma familia, casando com uma joven formosa e pura.

O velho Nunes sorriu-se agradavelmente, com expansão de amizade, apertando-me as mãos, e desfazendo-se em felicitações: a alegria radiava-lhe nos olhos e no rosto. Que excellente e nobre homem! que differença entre elle e os meus tres parentes!

No fim de alguns minutos em que me pareceu reflectir, disse-me :

— Eu creio que nasci predestinado para lhe ser util.

— Já lhe devo muito.

— E vai dever-me mais : o seu primeiro projecto é justo ; mas arriscado

— Porque ?

— Mal pode calcular, como são alicantineiros, palros e vorazes quasi todos os procuradores e solicitadores que por ahí andão, e receio muito vê-lo cahir nas garras de algum desses trapaceiros.

— Pensa ?

— Mas ainda bem que eu sou tambem solicitador no fóro da côrte, e tenho orgulho da reputação de probidade e de dedicação, que ninguem ousa disputar-me : o trabalho me sobra, e o tempo me falta ; mas para servil-o, offereço-me de corpo e alma para concluir em poucos dias todos os negocios que tem com seu irmão e sem escandalo nem desgosto.

— Oh ! meu bom amigo !

— Pode chamar-me assim ; tenho queda

para o senhor : amanhã hade jantar comigo : quero apresentar-lhe minha mulher que é uma santa e minha filha que é uma flôr do paraíso.

Senti-me captivo do honrado e generoso velho e para melhor apreciar-o, fixei a luneta, elle porém voltou o rosto immediatamente : tres, cinco, dez vezes repeti a manobra, e o Sr. Nunes outras tantas fugiu com o semblante, e por fim ao sahir o conselho da sala secreta, mudou o velho de cadeira e sentou-se exactamente diante de mim, dando-me portanto as costas.

Admirei tanta modestia, e ensaiando uma nova experiencia, puz a luneta em acção e olhei o velho Nunes pelas costas durante sete minutos.

Oh ! luneta sublime ! não ha recurso que possa annular a tua força !

Eu vi perfeitamente o homem.

Mizericordia ! que enormissimo tratante é o Sr. velho Nunes ! — affavel obsequiador, loquaz, insinuante, sabe um por um todos os segredos das traficancias que desmoralisção o

povo : tem falsificado documentos, rasgado e sumido folhas de autos, já *furtou* a firma de um juiz, já solicitou pró e contra em mais de vinte cauzas, tem compromettido interesses, demolido fortunas, e ainda não entrou na casa de correcção ! aluga-se, quando não lhe convem vender-se, e vende-se apenas lhe chegão ao preço : tem de seu mais de cem contos de réis torpemente adquiridos , e é usurario de profissão : surrava os escravos sem piedade, vendeu-os todos a poucos mezes, arremata outros em praça para vendel-os em breve prazo, e é entusiasta da emancipação : é cabalista admiravel de eleições, tem sido eleitor por todos os partidos, e votado como eleitor nos candidatos que lhe comprarão os votos por dinheiro, e por transacções que valem dinheiro. Exalta os gozos suaves e a santidade do lar domestico, e no lar domestico dá pancadas na mulher, que o teme e que o detesta, e vive em guerra aberta com a filha porque ella em doces e costuras que faz ganha somente bastante para se vestir.

E, o que é mais, eu me vi, eu me encontrei

e me reconheci nos calculos da mente do velho Nunes ! elle sabe melhor do que eu á quanto chega a minha fortuna, planeja exploral-a em seu proveito, desacreditar, infamar meu irmão, ou negociar com elle em meu prejuizo, e finalmente concebeu a idéa de casar-me com sua filha ! ! !

Tive horror do execravel Nunes, a quem mais nunca darei o nome de *velho amigo*; senti-me porém, desconsolado e triste, descobrindo tanta malvadeza, em quem suppunha tanta bondade e virtude.

E' ainda uma desillusão ! é ainda um turvo desengano a arrastar-me á desconfiança e talvez em breve ao aborrecimento dos homens.

Sahi do jury mais sombrio e abatido do que os réos que por elle acabavão de ser condemnados.

XII

E' claro que não procurei mais encontrar-me com o velho Nunes, e aproveitando a lição desse novo desengano, comprehendí que me

cumpria ser ainda muito mais cauteloso na escolha do meu procurador, e principalmente na eleição da minha noiva ?

Empreguei quatro dias no empenho da descoberta de um procurador, como desejava, e perdi o meu tempo : estudei com a minha *luneta magica* nada menos que trinta e tantos procuradores e achei-me sempre de mal á pior ! parecerão-me todos elles verdadeiros procuradores do epigramma de Bocage, os que se dizem melhores e passavão por mais habéis e dedicados erão os peiores pela mais refinada arteirice, e profunda malicia.

No fim dos quatro dias senti-me tonto, aborrecido, desesperado, e com a convicção tristissima, de que não encontraria procurador, que pudesse merecer a minha confiança.

— Que homens ! disse comigo mesmo ; que gente desmoralizada, ardilosa e má ! isto será talvez devido á influencia do officio : elles têm tantas vezes de *procurar*, de trabalhar em proveito de cauzas injustas, têm tantas vezes de contrariar a verdade, a justiça, a innocencia, e o direito, que acabão por habituar-se ao do-

lo, á mentira, e ao sacrificio de todas as noções do dever. Hade ser assim, e nem pode ser de outro modo ; porque a minha *luneta magica*, que me faz ver no intimo dos corações, não me deixa cahir em falsas apreciações.

— Mas todos elles máos e nem um unico bom ou ao menos soffrivel é de mais ! não quero tão cedo continuar na descoberta de procurador : estou cansado de ver homens ruins : tratarei de consolar-me contemplando as graças do sexo encantador.

O ultimo dos quatro mal afortunados dias fôra de abrazadora calma : ac declinar, da tarde dirigi-me ao *Passeio Publico*.

Era a primeira vez que eu visitava, com a certeza de poder apreciar pela visão, esse pequeno, mas preciosissimo jardim, onde a população da cidade pode ir gozar das arvores sombra e imperceptivel respiração purificadora do ar, das flores encanto e perfumes, do mar o aspecto sublime, da terra limitada amostra da opulencia magestosa da natureza do nosso Brasil, e das magias da tarde a suave frescura da viração.

Entreí no *Passeio Público*, e com apressada curiosidade fui *vendo* e gozando os deleitosos quadros da relva verdejante, dos grupos de arbustos graciosos, das arvores gigantes, das correntes d'agoa, das pontes, do outeiro dos jacares, do terraço que se torna admiravel pela vista das montanhas, dos rochedos e do mar, das fortalezas e das ilhas, das praias e da cidade-formosa, mas recreio da cidade offuscadora, á que demora fronteira.

Tudo isso era novo para mim, tudo, todas essas maravilhas da criação, todos esses bellos testemunhos, todas essas obras de trabalho e da arte dos homens.

Eu devia esquecer-me de mim mesmo, embevecendo-me na contemplação de tantos prodigios; senti porém perto de mim, em torno de mim, passando junto de de mim, indo e vindo outra maravilha, que os homens vêem em toda parte, á todas as horas, e que nunca se satisfazem de admirar, e de amar; ouvi o ruido do arrastar de vestido, senti doces e subtis aromas deixados em leve rasto, tocarão-me os ouvidos os sons murmu-

rantes de vozes argentinas, em uma palavra, senti a *mulher* e não vi mais nem serras, nem ondas, nem natureza grandiosa, nem arte nascente, nem florestas, nem cidades; senti perto de mim a mulher, e, olvidando tudo mais, voltei-me para contemplar a mulher.

XIII

Não era uma, erão cem as senhoras que passavão e que estavão no terraço.

Sentei-me em um dos bancos de marmore e deixei fixada a minha luneta.

Mais de vinte jovens senhoras me parecerão bonitas; defronte de mim porém estava sentada junto de um venerando ancião a mais formosa donzella.

Vestira-se de branco, tinha os cabellos negros, os olhos pretos, grandes e suavissimos, erão olhos que não abrazavão, mas que inundavão de doçura, de luz branda, de infetiçadas delicias o coração do homem que lhe merecia um olhar: tinha no rosto a pallidez enlevadora, que não indica soffrimento e attes-

ta fina sensibilidade: o seu corpo era esbelto, e sua cintura de proporções delicadíssimas; trazia na mão pequenina e branca um leque de madreperola com que se abanava distrahida, absorta na contemplação do mar, ou divagando pelos mundos da imaginação: levantou-se a convite do ancião, sem duvida seu pai, e com elle passeiou ao longo do terraço: no fim de alguns minutos tornou á sentar-se no mesmo lugar, em que estivera.

Era indizível a graça do seu andar tão suave, como o deslizar da nuvem pela face do horizonte.

A donzella pallida afigurou-se-me revelação de todas as perfeições humanas completando um portento de formosura. O rosto é o espelho da alma, a graça dom do céu: a donzella pallida era necessariamente o symbolo do amor e da pureza dos anjos.

O meu coração palpitava transportado de admiração, e já dominado pelo poder miraculoso de tanta belleza.

— Como está hoje arrebatadora dona Rosi-

nha! disse um mancebo, fallando a outro perto de mim.

Ella chamava-se Rosa : tinha o nome da rainha das flores.

— Está hoje como sempre ; mas em que sismará ella ? provavelmente em cousa nenhuma: quer que se acredite que tem horas de embevecimento poetico.

— Não : ella fez vinte annos hontem, e está sem duvida sismando nos motivos porque ainda não se casou.

Revoltei-me contra os dous sacrilegos, apartei-me delles com sentimento de aversão.

Eu tinha observado a formosa jovem, lançando-lhe vistas repetidas, mas passageiras, receioso de sobresaltar o seu virginal pudor ; não pude porém resistir por mais tempo ao ardente empenho da adoração da sua alma, e fitei nella a minha luneta por mais de tres minutos.

A donzella apercebeu-se da minha contemplação e por acaso ou de proposito deu a seu corpo flexivel uma attitude de gracioso aban-

dono, que me deixava apreciar todos os encantos da sua figura, inclinando langurosa a cabeça para o hombro de seu pai, e esquecendo os olhos no céo.

Ah! foi para mim um abysmo de magias, um arrebatamento do espirito, irresistivel perdição de toda a minha liberdade durante tres minutos.

E nos fim de tres minutos o coração da donzella se patenteou a meus olhos, e os segredos de sua alma se revelárão á *visão do mal*.

O demonio das contradicções absurdas reunira naquella alma de mulher formosa a vaidade mais descomedida, e a inveja mais violenta e cruel: Rosa julgava-se a mais encantadora e bella das mulheres, e invejava de uma os cabellos loiros, de outra os olhos azues, de sua mãe o vestido mais rico, de sua prima a voz de contralto, da amiga da infancia uma prenda que lhe faltava, da noiva desconhecida a fortuna do casamento: invejosa, aborrecia todas as senhoras, vaidosa, queria ser amada, requestada por todos os homens:

pela inveja era mordaz, maldizente, intrigante e aleivosa; pela vaidade era imprudente e louca, coração corrompido; não poupava sorrisos, nem olhar animador, nem palavras comprometedoras para prender um namorado: o que era em solteira promettia ser quando casada, namoradeira sempre; e pela combinação da vaidade e da inveja com a sua organização e susceptibilidade nervosas, havia de impôr-se absoluta dominadora do marido, a quem não amaria como marido, e só olharia como escravo; frenética, douda em impetos de brutos ciúmes não derivados de amor, rancorosa, raivosa, dissipadora, sem consciencia do dever, sacrificando por uma noite de baile um anno de pão para a familia, não hesitando em reduzir á miseria pai, e esposo para alimentar o seu luxo, só pensando nos gozos da ostentação e de apaixonados cultos na terra, sem fé, sem religião, em moça era tentação infernal, velha havia de ser o desgosto de si propria degenerado em malvada ira contra todos, em vaidade condemnada, em inveja corroida, em aborrecimento do mundo, e

em odio a todos elevado á expansões delirantes, capazes de transformar o lar domestico em gehenna desesperadora.

Eu vi tudo isto, e ainda mais podia ver; porque longe ainda devião estar os trese minutos que limitavão a *visão do mal*: podia e tinha mais que ver naquelle coração desgraçado; mas não quiz. tive horror de um ponto negro, que se hia esclarecer; tive horror deixei cahir a luneta, e amaldiçoando a inveja, e maldizendo da vaidade, fugi, correndo precepitado para fóra do terraço.

XIV

Na escada por onde me retirava para o seio do jardim quasi que em impulso desgraçado levei diante de mim um homem que tambem descia.

—Ah! senhor! exclamou elle voltando-se; não tem olhos ou vem doudo?

— Perdão ! respondi ; exactamente não tenho olhos, porque sou myope, e venho doudo, porque encontrei no terraço um demonio com apparencias de cherubim.

— Pois quem é myope deve trazer oculos, e quem anda as voltas com o diabo deve procurar antes o inferno do que o *Passeio Publico!*

— Mano ! disse uma voz dulcissima; o senhor se desculpou tão cortezmente, que o favor da sua amabilidade exige antes agradecimento, do que insistencia na lembrança de um acaso que não teve más consequencias.

— Obrigado, minha senhora ; tornei logo, fixando a luneta ; eu já nem me arrependo da minha imprudente precipitação ; pois que a ella devo o encanto do perdão dado por voz tão melodiosa.

Vi voltar-se para mim o lindo rosto de uma mulher que ostentava todo o esplendor da belleza na primavera dos annos ; ella porém affrontou com tanta firmeza a fixidade da minha luneta, sorriu-se tão facilmente para mim, olhou-me com tão clara garridice, que antes de cinco minutos causava-me já tal desgosto

que por castigo nem llo descreverei as graças da figura.

Coitadinha! era uma menina, que talvez tivesse nascido com excellentes disposições, branda, condescendente, alegre, assim o devo suppôr, pois não creio que alguém nasça máo e pervertido; mas os pais enthusiasmados pela belleza da filha, quizerão fazer della singular maravilha, e a esquecerão cinco annos em um famoso collegio, cuja directora antiga florista de Paris, mudára de vocação com os enjões da viagem transatlantica, e chegada ao Rio de Janeiro, annunciou prodigios de instrucção e educação de meninas.

Nesse internato, onde as educandas de todas as idades se confundem e se achão em contacto de dia e de noite com seus diversos costumes, com seus bons e máos instinctos, com suas imaginações travessas, com suas malicias enfim, a pobre menina aprendeu demais o que devia ignorar, e quasi nada o que precisava saber, e sahio do collegio, corando não por pudor virginal, mas

por artificio de namoradaira, não conhecendo o valor de um beijo de seus lábios, nem o preço e a gloria das virtudes, sem as quaes a mulher se faz objecto de desprezo.

A leviandade do seu procedimento, a palavra desenvolta com que aturdia as amigas, a audacia com que se arriscava na sociedade, sacrificando todos os preceitos da prudencia na liberdade exagerada que permitia a Quantos lhe fazião a côrte, que não era mais sufficientemente respeitosa, autorisavão a maledicencia que a feria com venenosas calumnias.

O aleive, a mentira a ultrajavão injustamente com suspeitas cruéis ; não era calunnia porém, a fama da sordicia do seu coração.

Quantos perigos, meu Deos, ha nos collegios, e nos internatos de meninas ! quantas pobres innocencias atiradas a prevaricações possiveis e faceis ! ah ! se eu tiver uma filha, heide faze-la instruir-se ao lado e aos olhos de sua mãe ; e se então me achar em pobreza, e não puder pagar mes-

tres, minha mulher e eu ensinaremos como pudermos, e o que pudermos á nossa filha, e em ultimo caso ficará ella embora ignorante, mas não será exposta á ser desmoralizada.

Oh! minha luneta magica! eu te agradeço esta lição, que me deste.

XV

E ainda com a proveitosa lição senti-me triste, profundamente triste.

Que dia infeliz! começou de manhã pelos procuradores que vi e que me cauzarão repugnancia e tédio, e acaba a tarde com a contemplação de duas jovens formosas, que a principio me parecerão dois anjos, e logo depois reconheci que erão duas creaturas condemnadas, dois corações inficionados, duas mulheres formosas, porém más, dois medonhos abysmos cobertos de lindas flores.

Esta luneta é implacavel e cruel: além da

visão das apparencias ainda não me concedeu uma contemplação suave.

Já aborreço os homens, e hoje principiei a desconfiar das mulheres.

Quero, preciso ter uma consolação, uma impressão felicitadora, que compense as tristes desillusões, porque tenho passado. Longe da minha luneta os homens e as mulheres! prefiro olhar, apreciar algum ser impeccavel, obra de Deus, não contaminada pelas malicias, e pelos vicios da humanidade.

Ahi estão as duas pyramides, e defronte o outeiro dos jacarés são trabalhos do homem, desprezo-os : lá se mostram as flores.... algumas são venenosas, e os perfumes das mais innocentes em certas condições podem matar ; tambem não quero as flores ; a agua deste lago pode conter miasmas não me convém

Oh ! eis ali um beija-flor ! a mais delicada e gentil creatura ! eu o estou vendo com suas pennas de esmeraldas e rubins, de ouro e topazio, de purpura e de fogo eu o estou vendo com a sua mobilidade faceira,

com os seus vôos rapidos e graciosos, com o seu tremulo adejar equilibrante no gozo puro do seu amor das flores

Mas.... que vejo ainda? que vejo agora?.... ah! essa avezinha tão mimosa e tão linda é um monstro que me inspira aversão por seus instinctos ferozes e qualidades perniciosas.

Egoista, falso, incapaz de affeição duravel, o perverso abusa dos seus encantos, e beija, profana e atraiçoa todas as flores licencioso e infame, polluindo seus nectareos e ostentando após a mais barbara indifferença, a mais ostentosa e illimitada inconstancia.

O beija-flor é como a serpente pela extensibilidade da lingua, e esta ainda nelle se duplica, estendendo dois filetes, que lhe servem como as garras ás aves de rapina.

Finalmente assassino e destruidor elle mata e devora em cada dia dezenas e dezenas de insectos innocentes, fracos e incapazes de defender-se, ouzando sem continencia, nem respeito ir arrancar-os do mais doce asylo, do seio mimoso das flores!

Hoje criei odio aos beijas-flores, passarinhos

devassos, desmoralizados, traiçoeiros e malvados.

Flores da terra ! acreditai na minha luneta magica : tende medo dos beija-flores !

XVI.

Esta ultima experiencia affligiu-me profundamente.

Que ! até nos seres irracionaes, e entre elles na propria avezinha, mimo da creação, sorriso de anjo e raio de sol nascente tornados pelo creador em passarinho, no proprio beija-flor só me é dado encontrar maldades e perversão !!!

Sempre turvos e sinistros desenganos! sempre o mal neste mundo de peste e de misérias !. este mundo será pois o inferno, ou pode o inferno ser peor que este mundo?....

Deixei o *Passeio Publico*, maldizendo da vida, detestando o homem, a mulher, toda creação, pedindo á Deus a morte, como o indigente faminto pede pão, como a escrava

que é mãe, e a quem a maldição do captivo ainda não deturpou e annullou a sensibilidade, dezeja e pede a liberdade do filho.

Que noute de horror e desespero passei! mas emfim a fadiga, o soffrimento do corpo que respondia ás torturas moraes da alma, vencerão a contensão do espirito que procurava debalde imaginar consolações e linitivo: ao romper da aurora adormeci.

Lembra-me que meu ultimo sentimento na tormentosa vigilia foi de desgosto da vida e de repugnancia á toda a humanidade.

XVII.

E como esses cinco ultimos dias ainda mais trinta, um mez inteiro de desenganos e desillusões! em casa o quadro constante de triplice traição na companhia obrigada de meus tres e unicos parentes: fóra de casa a prompta descoberta da maldade e da perfidia de todos os homens e de todas as mulheres.

Vi, encontrei sómente o mal em tudo, e em toda a parte, nos seres organicos e nos inorganicos, nas obras das sciencias, e das artes, nos livros e nos monumentos.

Para escrever tudo quanto me mostrou a *visão do mal* me fôra preciso encher com a pena molhada em fel muitos e volumosos livros, e atormentar a minha alma com o registro vivo das mais afflictivas observações.

Resumirei muito em breves palavras.

Eu tinha pôr amigos dous jovens da minha idade que moravão perto de nossa casa : a intimidade em que eu vivera com ambos nos tempos da minha myopia phisica e moral me fôra sempre de grande consolação ; mas a *luneta magica* fez-me em breve conhecer o erro perigosissimo dessas relações de tantos annos : um desses mancebos o mais alegre, espirituoso e folgasão era um homem immoral, desprezador das leis humanas, affrontador das leis de Deus, sem consciencia, sem crenças, sem fé, typo da sensualidade sem freio, besta que só cuidava em fartar-se nos pastos do mundo.

O outro que me agradava ainda mais, porque se mostrava sempre grave, pensador e comedido, era um calculista frio, sem escrupulos na escolha dos meios para attingir ao fim que tinha em mira : o seu principio moral consistia em salvar as apparencias : furtaria a bolça do amigo, se tivesse a certeza de o não verem furtar : venderia sentenças, se fosse juiz ; estava cansado de esperar pela morte de um tio, de quem contava ser herdeiro : filho unico, porém não legitimo, do pae houvera abastada fortuna, e esquecia a mãe ainda viva e abandonada na miseria e no desprezo.

Separci-me de homens tão indignos da minha amizade ; mas por isso mesmo mais profundos se tornarão o dezerto e a noute da minha vida, e a medonha solidão no meio da mais ruidosa e brilhante sociedade.

O que faz soffrer este estado lugubre, terrivel do espirito, ninguem sabe, ninguem faz idéa, só eu que o estou soffrendo.

XVIII.

Um dia vi uma elegante e nobre senhora que passava, deixar cahir com angelico disfarce duas moedas de ouro na mão de um misero leproso, que deitado no primeiro degráo da escada do atrio de uma igreja, esmolava tristemente; vi-a levar o lenço aos olhos para enxugar duas grossas lagrimas, que lhe sublimisavão as faces : segui a nobre senhora com a minha luneta fixada sobre ella : ah ! o disfarce fôra mentira, a caridade era ostentação; as duas lagrimas duas perolas falsas preparadas e expostas pelo artificio da hypocrisia : essa mulher cazára rica, dominava o marido, gastava annualmente vinte contos de réis em vestidos e enfeites, economisando exageradamente em casa, negando cea aos escravos, dando-lhes almoço e jantar muitas vezes insufficientes, e compensando a penuria da alimentação com frequencia de castigos ferozes e de torturas repugnantes.

Em outro dia vi um padre de aspecto venerando : não arredava do chão os olhos, trajava com severa decencia propria do seu ministerio, levava na fronte o sello da austeridade de seus costumes, e na expressão suave de seus olhos, e de sua boca meio-risonha a manifestação da sua piedade : erão olhos de conforto espiritual, e boca de perdão. Observei-o com a minha luneta por mais de tres minutos : os olhos de conforto espiritual erão volcões de concuspicencia, a boca do perdão era a fonte de palavras santas no altar e no pulpito, mas de seducções vergonhosas fóra do templo : esse padre tinha corrompido uma donzella, abandonando-a depois aos frenesis da prostituição ; esse padre discutia previamente a esportula das missas, fazia sacrilegamente do altar balcão de traficantes, brigava por uma vela de libra ou meia libra de cêra, guerreava os outros padres na sachristia, não se lembra mais da conta das missas que devia, e deshonorava emfim o sacerdocio, ultrajando o Christo com exemplos

de desmoralisação e de ganancia pervertedores do rebanho catholico.

Uma vez quiz ler um artigo de uma gazeta diaria que me havião recommendado por muito importante e bem escripto. Com effeito logo no primeiro periodo achei idéas sans e luminosas enunciadas com elegancia e pureza; bem depressa porém, revoltei-me, descobrindo occulta na metaphysica de um principio a materialidade da ambição mais desenfreada; disfarçado em maximas de moral sublime o manejo intrigante do orgão de uma facção, nos protestos do amor da patria a mentira do mais refalsado egoismo, e na ostentação de franqueza e independencia dissimulado o preço porque se alugára o escriptor. Irritado, fiz em pedaços a gazeta maldita.

XIX.

Em outra occasião, passando pela rua dos *Barbonos*, parei diante de uma casa consagrada ao mais piedoso e santo myster, e vi

armado em sua parede aquelle apparatus movediço que se chama — *roda dos engeitados*.

Ora pois ! disse a mim mesmo ; aqui é impossivel que eu descubra o mal ; porque neste caso o mal está somente na mãe, ou na familia cruel, que engeita o recém-nascido ; mas no seio que se abre para recobel-o, salvá-o, adoptá-o não pode estar senão o bem, a caridade, a santidade.

E fitei a minha luneta na roda por mais de tres minutos : quem o diria ? a *roda* da piedade bem depressa pareceo-me antes protectora do vicio e da desmoralisação, do que providencia salvadora de innocentes criancinhas condemnadas : essa *roda* affigurou-se-me leito ruim de falsa caridade, porta do abandono, da perdição, talvez algumas vezes do captivo dos mizeros engeitados : li no berço dessa roda cem lugubres historias, e recuando espantado, preferi a myopia á *visão do mal*, e cheguei a pensar que para muitos dos engeitados e para a sociedade fóra melhor a sepultura, do que a *roda*.

E retirei-me, meditando, reflectindo sobre o que acabava de vêr.

Fique de parte a questão moral, social da conveniencia de taes estabelecimentos de caridade.

Que faz a *roda* ao engeitado? se pode, livra-o da morte; mas depois condemna-lhe a vida: era talvez preferivel deixal-o morrer.

Ser ou não ser: se a instituição é de caridade seja-o plenamente não se desnature, recorrendo a meios que em regra geral são fataes aos engeitados: se não pode sel-o plenamente, não cumpre o seu fim.

Que faz a *roda*? recebe o engeitado, e depois engeita-o pôr sua vez. A verdadeira caridade não engeitava.

A *roda* que faz? dá os engeitados a criar, a quem os vem pedir e os leva á dez, á vinte, á cincoenta e mais legoas de distancia, e fica muito contente de si, porque paga a criação do engeitado por dous terços menos, do que de ordinario custa o aluguel de uma ama.

E por esse preço insufficientissimo criar engeitados é negocio que se explora!

Que fortuna espera ao engeitado que a roda assim por sua vez *engeita* ? faz tremer pensal-o.

O mizero innocente é feliz, se acha seios de mulher em que se aleite, e fica apenas analphabeto e sem educação : a sociedade é que não pode espera ser felicitada por semelhante *engeitado de roda*.

E o que não é feliz desse modo tão infeliz ?...

E o *engeitado* que fica reduzido a escravo da familia que o foi pedir ? e o engeitado que morre á mingoa longe da *roda* que o engeitou, e que paga sua criação muitos mezes além da afortunada morte do mizero condemnado ?

E o engeitado de *côr preta*, ou de *côr menos branca*, que tão facilmente substitue o escravo que morre, e que toma delle o nome para *ser vendido* pela perversidade de algum infame d'entre os negociantes de criação de *engeitados* ?

Esta ultima idéa, a suspeita da possibilidade. talvez da realidade de tão grande crime penetrarão no meu espirito, como punhaes ervados que me rasgassem o coração.

Tudo pois que eu via no mundo era malefico, pavoroso, medonho !

XX.

A minha vida se tornava mais que pezada, insupportavel fardo. Não havia para mim na terra nem consolação, nem luz de esperança ; se me tivesse faltado a profunda fé em Deus, e a educação catholica, o meu recurso teria sido o suicidio ; porque a *visão do mal* me levára ao desespero.

Compreendi bem o horrivel supplicio da minha vida.

Em tres parentes que eu possuia no mundo descobri tres ignobeis exploradores da minha fortuna e do meu infortunio.

Em dous amigos quazi da infancia achei dous miseraveis sem moral, nem consciencia.

Fiquei sem as santas prisões da familia e sem a doce confiança da amisade.

Quiz tomar conta dos meus bens e criar para

mim uma familia, e empenhei-me em acertar com um bom procurador, e com uma donzella digna de ser minha noiva, e todos os procuradores que estudei, erão homens repulsivos e alicantineiros, e todas as donzellas que observei me inspiravão repugnancia, pelas suas ruins qualidades moraes, e gravissimos defeitos.

Para qualquer lado que me voltei, fitando a minha luneta, vi somente sob falsas apparencias corações corrompidos pelos vicios, ou enegrecidos pelo crime.

Não houve uma excepção !. todos os homens hediondos, todas as mulheres ainda peiores que os homens ! o mundo pareceo-me povoado por demonios de ambos os sexos ; porque fôra absurdo acreditar, que somente na cidade do Rio de Janeiro toda a população nacional e estrangeira fosse má e estivesse pervertida.

Descobri no sol fontes de terriveis calamidades, no beija-flor uma creatura malvada ; na imprensa uma instituição condemnavel, em estabelecimentos de caridade lições e practicas de deshumanidade.

Descri do advogado, do padre, do sabio, do artista, de todos e de tudo !

Achei-me na terra sem um parente amado, sem um parente possível, sem uma noiva possível, sem sociedade possível. ...

Em todos vi o mal ; porque em breve desconfiei mesmo daquelles, que não estudára por mais de tres minutos com a *luneta magica*.

A *visão do mal* me causava já certa especie de terror : um dia lembrou-me fitar a *luneta* no prato que acabavão de servir-me ao jantar ; mas estremeci, e não a fitei, receioso de encontrar veneno : que me importava ser envenenado ? era melhor não vêr.

Foi assim que passei mais outro mez que se arrastou como um seculo.

Que viver de torturas !

Tende piedade de mim, meu Deos ! tirai-me deste mundo, onde eu vivo só, absolutamente só em solidão infernal, ou como um unico, inseparavel, amaldiçoado, mas implacavel e sinistro companheiro, com o *mal* que eu vejo em tudo, em todos, em toda a partê.

XXI

O *armenio* tinha razão: a *vizão do mal* é um poder fatalissimo, uma faculdade que aniquila a paz, o socego, as affeições, a vida da vida do desgraçado que tem esse poder; mas agora é tarde! é muito tarde; precipitei-me em escarpado precipicio, e é inevitall que eu vá morrer no fundo do abysmo.

Pode-se viver sem crenças, sem a mais tenue esperança, sem o mais dubio raiosinho de confiança em algum homem, em alguma mulher.... pode-se; porque é assim que estou vivendo.

XXII

Recebi hoje uma carta do *Reis*, a quem não tornarei á chamar *meu amigo*; pois não me é possivel ser amigo de homem algum.

Eu não tinha voltado á casa do *Reis* nem para cumprir o dever de cortezia, indo ren-

der-lhe agradecimentos, e também ao *armenio* pelo favor da *luneta mágica*.

Não voltei e não volto lá : detesto o *armenio* e desconfio do *Reis* : o melhor signal de immerecida gratidão que a ambos posso e devo dar, é esquecel-os, é não ir lá fitar por mais de tres minutos sobre elles a *luneta* que me deram : o *armenio* é concentrado e rude ; o *Reis* é expansivo e obzequiador : quem sabe o que a minha *luneta* me mostraria no intimo de qualquer delles?

Devem ficar-me muito agradecidos por não ir vel-os : detesto o *armenio*, desconfio do *Reis* ; não quero relações com elles.

Mas a carta do *Reis* deo-me que pensar ; eil-a aqui *ipsis verbis*.

« Rio de Janeiro 1º de Abril de 1868 : Illm. Sr. : Não mereci a graça de uma vizita de V. S. depois da noute da operação cabalistica do *armenio*, e apenas desde ante-hontem comecei a ter singulares noticias da sua *luneta mágica* ; mas de modo que sou obrigado a pedir a V. S. o favor de explicações que me são indispensaveis.

« Ha dous dias que o meu armazem é procurado por numerosos freguezes e desconhecidos que se empenhão por obter esclarecimentos relativos á *luneta mágica*. Muitos zombão do caso, attribuem maravilhas inconvenientes que se contão á exaltação perigosa da imaginação de V. S.; exigem porém informações sobre o *armenio* e sobre a operação cabalística, de que tem noticia não sei por quem.

« Outros e infelizmente não são poucos, pretendem que com a *luneta mágica* tem V. S. a faculdade de ver os corações e as consciencias de quantos observa por mais de tres minutos, descortinando assim segredos, vicios que se escondem, erros que se occultão e más qualidades que se dissimulão, protestando todos contra o perigo social que póde resultar de tão fatal e assombroso poder de encantamento.

« Alguns enfim incommodos e teimosos querem por força que eu lhes venda *lunetas* iguaes á sua, e perseguem-me com instancias que me perturbão o socego.

« O maldito *armenio* diz que está prompto á encantar lunetas, sem duvida com intenção malefica; eu porém não consinto que elle appareça no armazem.

« V S. comprehende que tenho urgente necessidade de saber tudo quanto ha e se tem passado em relação á sua *luneta magica*.

« Devo aos meos freguezes e ao publico em geral explicações sem reservas, transparencia sem a mais leve sombra em tudo quanto se prepara e se faz, se imita, se aperfeiçoa, se inventa e se realisa nas minhas officinas, e de quanto se vende no meo armazem ou delle sahe, no cumprimento deste dever ha para mim escrupulo e honra; peço pois a V S. que me habilite para dar esclarecimentos e informações ás pessoas que incessantemente me estão procurando, e inquirendo sobre esse importante assumpto. Sou etc. *Reis*.

XXIII.

A carta não me foi agradavel: refleti por

algum tempo e resolvi não responder ao *Reis*: a falta de resposta era inqualificável grosseria; eu porém já tinha em tão profundo desprezo e aborrecimento os homens, que pouco ou nada me preocupava a idéa de offender o *Reis*. Decidi-me a fazer de conta que não recebera a carta.

Mas quem poderia ter atraído o meu segredo? tornado patente a minha faculdade da *visão do mal*? só tres homens:

O *armenio*, de cuja sciencia magica se duvidava, e cujo testemunho era por tanto suspeito, e para quasi todos seria ridiculo:

O *Reis* que me escrevia, interrogando-me, e que por consequencia nada sabia, visto que perguntava:

O velho Nunes que assistira á scena dos trabalhos magicos do *armenio*, e á quem no dia seguinte eu confiára imprudente, louca e desastradamente o segredo do poder miraculoso da minha *luneta magica*.

Portanto o traidor, o propalador do segredo fôra o velho Nunes, o procurador immoral e refalsado, de quem eu fugira,

e a cujo convite para jantar no seio de sua familia faltára sem excusas ulteriores, nem satisfações.

O velho trapaceiro e ignobil procurava pois vingar-se do meu desprezo, denunciando á todos, publicando a força prodigiosa da *luneta* que eu possuía.

Vingança esteril, vã, estúpida! que me importa o juizo dos homens? que me importa o mundo?

Mundo, homens, velho Nunes e minha propria vida eu embrulho todos e tudo isso nos trapos ascozos do meu mais profundo desprezo.

Não dei á menor importancia á revelação traidora, mal intencionada do velho Nunes: pensei que ainda quando ella pudesse trazer-me desgosto e por ventura colocar-me em circumstancias embaraçosas e desagradaveis, nem porisso chegaria a tornar-me mais desgraçado do que eu já era.

Atirei com a carta do *Reis* sobre a meza, tomei o chapéo e sahi a passear para des-

forrar-me de tres dias de misantropa reclusão, á que me condemnára.

Eu levava comigo o supplicio da *visão do mal*, e não pudera imaginar que ainda outro supplicio e igualmente horrivel por ella me estivesse esperando no mundo em que vivia.

Sahi, como disse, e avançára apenas alguns passos, quando reparei que muitas pessoas fugião de encontrar-me, que outras voltavão-me ás costas, que as senhoras se retiravão apressadas das janellas.

A' principio não pude explicar o phenomeno ; logo depois, porém, lembrou-me a insidiosa revelação do velho Nunes, e comprehendí que me fugião por medo da minha *luneta magica*.

— Fogem, disse rindo-me ; fogem, porque lhes doem as consciencias e se reconhecem todos **hypocritas** e máos.

Era a primeira vez que me ria desde deus mezes ; o meo rizo, porém, era cheio

de fel, era o rir de maldição ironica lançado em face á humanidade-demonio.

Era quasi noute: cheguei á *Praça da Constituição*, e entrei no jardim que estava cheio de povo.

De subito ouvi surdo e longo ruido de centenas de vozes, semelhante ao trovejar longinquo da tempestade afastada: que me importava isso? continuei o meu passeio pelas ruas do jardim mas antes de tres minutos a *Praça* achou-se deserta. e no jardim apenas a estatua equestre e eu!..

— Que gente! exclamei sem poder conter-me: não ha um homem, não ha uma mulher que ouse afrontar a *luneta magica*.

Veio-me o desejo de olhar e estudar a *estatua equestre*; immediatamente porém senti tanta repugnancia ao desengano provavel das idéas e sentimentos que eu acreditava ou antes acreditára presidindo e dirigindo o acontecimento magestoso e patriotico que esse bello monumento commemora, e attesta com sublime ufania que cedendo a generoso impulso, não quiz contemplal-o, e

deixando o jardim, dirigi-me ao café visinho, á muito conhecida casa do *Braga*.

Entrei, sentei-me a uma das primeiras mezas, e pedi uma chicara de café.

A sala estava atopetada de freguezes ; mas apenas entrei, e tomei um lugar, despovoou-se de improviso, e um servente rude e mal educado veio de máo modo dizer-me, que não havia mais café, e que a casa dispensava a minha freguezia, e muito me agradeceria, se eu não tornasse a apparecer ali.

Desta despedida formal a uma expulsão á viva força a distancia era pequena e quasi nulla, era a intimação antes da violencia : eu tinha por mim o meu direito incontestavel de ser servido, pagando o que se garantia ao gozo publico ; a lucta, a contenda porém não me podia convir : traguei o insulto, e sahi sem responder uma unica palavra ao caixeiro selvagem.

Andei ás tontas, sem destino e sem norte pelas ruas : ás oito horas da noute dirigi-me a um dos nossos theatros, pouco importa

saber qual, comprei um bilhete, e fui tomar a minha cadeira.

Mal acabava de sentar-me, ouvi dizer perto de mim : *é elle !*

A essa voz que soára em tom baixo, seguirão-se outras que repetirão como echos surdos : *é elle !*

D'entro em pouco o sussurro transformou-se em ruído, o ruído em desordem : as senhoras que estavam nos camarotes, recuaram os seus bancos até não poderem ser vistas, espectadores das cadeiras e da platéa levantarão-se ao mesmo tempo como um só homem, e geral gritaria de «*fóra! fóra! fóra!*» ribombou estrepitosa, insistente, ameaçadora no theatro.

Um porteiro veio humildemente pedir-me, que me retirasse, offerecendo-me com estúpida e revoltante apparencia de benignidade a vil quantia, porque eu pagara o meu bilhete : resisti e furioso disse uma injuria ao misero porteiro.

Mas a gritaria tempestuosa continuava ; insultos desabridos, ameaças ferozes chegarão

a meus ouvidos ; a policia interveio de balde em meu favor : a pateada violenta ameaçava degenerar em motim. No maior fervor da borrasca recebi da autoridade policial não uma ordem ; porém um pedido para retirar-me do theatro, do qual então immediatamente sahi vexadissimo, ardendo em colera, ferido pela reprovação de todos, e ao som dos applausos escarnecedores, com que era festejada a minha vergonhosa retirada.

XXV

Nos dous seguintes dias teimei em apparecer ao publico e experimentei iguaes testemunhos de geral condemnação.

Nas ruas e praças fui cem vezes apupado.

Na tarde de um desses dias tentei ir passear a Nictheroy ; mas a minha entrada na ponte da companhia *Ferry*, produzio um movimento ameaçador entre os passageiros, e eu tive logo de sahir da ponte ao ouvir algumas

vozes sinistras que repetirão : *deital-o-hemos ao mar !*

Em um hotel negaram-se a dar-me o jantar que pedi.

O cocheiro de um carro da praça não quiz acudir ao meu chamado.

E ninguém mais fugia de mim, porque todos me espantavam com ameaças.

No terceiro dia fiquei encerrado em casa; mas á noite fui a um apparatuso baile, para o qual estava desde algumas semanas convidado.

Era uma brilhante festa dada em applauso e honra de um casamento com ardor desejado, e com jubilo abençoado pelas familias dos noivos.

Apenas appareci foi extraordinaria a agitação que se sentio na sala cheia de convidados, as senhoras encherão-se de terror, e cobrirão os rostos com os leques e os lenços, a noiva esteve a ponto de desmaiar ; os homens deixarão-me perceber pragas que a cortezia, e o respeito á sociedade onde estavam, abafavão: o dono da casa tres vezes encaminhou-se

para mim e outras tantas recuou confuso e com evidentes signaes de contrariedade; eu o comprehendí, e poupando-lhe o amargor de uma despedida formal, fiz o que me cumpria: fugi desesperado, chorando de raiva, e cada vez mais convencido da malvadeza de toda a humanidade.

XXVI.

Que noite de cruel vigília, ainda mais cruel do que tantas outras, cujos horrores já havia provado!

Eis-me pois ainda mil vezes mais desgraçado do que d'antes!

Não creio em homem algum, em mulher alguma: sou a descrença viva, scepticismo animado.

Desconfio de todos.

Aborreço a vida, mas sendo obrigado a viver, como vai correr a minha vida?

Um por um todos se arreceião de mim,
e todos me detestão.

Em toda parte -sou por todos enxotado,
de toda parte repellido.

Ninguem me quer ver : quando appareço,
ninguem me tolera.

Tocou-me a lepra moral.

Eu sou como a peste, pois todos fogem
de mim : sou peor que a peste, sou como
um cão hydrophobo que se persegue, e cuja
morte se deseja !

Oh meu Deos ! meu Deos eu sou catho-
lico e é sómente por isso que não me mato;
mas se alguma vez o suicidio pudesse me-
recer o perdão, a vez do perdão do suicidio
era esta.

Meu Deus ! eu pequei, confiando na magia,
entregando-me a um perfido magico, aceitando
para meus olhos o soccorro do demonio !

Perdão, meu Deos !

Oh !. *como é bom não ver ! ! !*

XXVII.

Não sei, não posso dizer quantas vezes nessa noite furioso lancei mão da *luneta mágica* para quebral-a ; mas, com vergonha o confesso, nunca tive animo bastante para realizar o meu pensamento.

Não dormi um instante, chorei quasi toda a noite, e quando não chorei, revolvi-me, debati-me no leito em agitação violenta, e devorado por abrasadora sede.

XXVIII.

Na manhã seguinte eu tinha os olhos inchados, a cabeça atordoada, e o rosto inflamado ; senti-me doente ; mas não quiz annunciar o meu estado.

A's dez horas introduzirão no meu quarto

o senhor A. ., o dono da casa, donde eu fôra expellido na noite antecedente.

Recebi-o sem resentimento.

— Está doente? perguntou-me.

— Um pouco: soffri muito esta noute.

— Eu o previ, meu amigo, e por isso me apressei a vir dar-lhe explicações, que reputo indispensaveis até para o bem do seu futuro.

— Agradeço a sua bondade; eu porem sei tudo e sei demais.

— Que sabe pois?

— Que um miseravel, o muito conhecido velho Nunes, fez espalhar a noticia de que eu possuo uma *luneta magica*, pela qual chego á visão do mal, e descubro todos os segredos é todas as maldades e vicios que se escondem e se dissimulam; e que o medo que cauza a minha luneta faz com que se levantem contra mim todos os homens, porque com effeito todos são perversos e temem que sejam conhecidas suas perversidades.

— E então.

— Então desde que se espalhou tal noticia eu tenho sido apupado, insultado, repellido

por toda parte, onde appareço. Não é isto ?

— Não é tudo, como lhe parece.

— Esplique-se.

— Não se offenderá se eu lhe disser toda a verdade ?

— Não : diga tudo.

— Meu amigo ; a população da nossa capital é muito civilisada, e não acredita no poder da sua *luneta magica*.

— Neste caso porque me fogem ?
porque me apupam ? porque me temem ?

— Aquelles que o tem perseguido com apupadas e os que fogem tremendo da sua luneta dividem-se em duas classes, uma a que pertencem todos os credulos e pobres de espirito, que ainda prestão fê a feiticeiros e artes magicas : ha dessa gente em todas as capitaes : a outra é a dos garotos que ouzam rir e zombar de infortunios e males a que todos estamos sujeitos.

— Que quer dizer ?

— Quanto aos mais eu vou dizer-lhe o que ha, e arme-se de coragem para ouvir-me.

— Nada mais me pode admirar, e menos assustar neste mundo.

— O velho Nunes, que se proclama seu amigo e íntimo confidente, foi com effeito o propalador das noticias que correm; e sabe o que se pensa? o que todos acreditão?

— Diga.

— Que o senhor, tendo imaginação ardentissima e fraquissima razão, foi arrastado por um perfido e malvado armenio até deixar-se dominar pela mais inacreditavel mania; que por isso o senhor imagina ver, o que não vê, o que não é real; suppõe, julga infallivel a visão extraordinaria da sua luneta, e nas confidencias de alguns amigos, que aliás abuzam da sua credulidade enferma, descreve os corpos, e expõe íntimos das consciencias de quantas senhoras, e de quantos homens fita com a sua luneta.

— Mentira e verdade! corpos não, é falso; minha luneta é honestissima: almas sim, minha luneta as patentea plenamente, e eu tenho visto em todos hediondas maldades.

— Não discutamos agora esse pretendido

poder da sua luneta. O que é certo é que o simples receio de que o senhor, acreditando que vê realmente o que apenas molestamente imagina, e que descreve em confidencias de amigos quadros phisicos, defeitos e virtudes, em que ninguem crê; mas que em todo caso ridiculisaõ não pouco as victimas da sua luneta, faz com que todos o evitem, todos o queirão longe, todos temão somente o ridiculo que provem do que chamão sua mania.

— Mania!!! que o seja embora; mas eu juro que não tenho um só amigo, que não tenho confidentes: isso é calumnia.

— Cumpria-me dar-lhe estas explicações, meu amigo. Fique certo de que não ha homem, nem senhora de juizo que dê importancia e que tema a sua *luneta magica*; mas das suas falsas apreciações, e dos sonhos extravagantes mas não recatados, não occultos da sua imaginação rezultão o *ridiculo*, de que todos querem escapar.

— Entendo-o perfeitamente.

O Sr. A. disse-me ainda algumas

palavras consoladoras; convidou-me a tratar da minha saúde alterada pelo excesso de imaginação, e fraqueza do espirito e deixou-me emfim.

XXIX.

E esta !

Por consequencia estou definitivamente declarado *doudo* pela opinião publica que é a rainha do mundo, e cujos decretos não tem appellação.

A humanidade perversa e infame engenhou o mais seguro dos meios para livrar-se de mim: não ha recurso contra ella.

Todos os homens, todas as mulheres scientes do meu poder, todos e com elles e ellas todos os medicos, autoridades declaradas e decretadas na materia dizem—que estou doudo !

Não ha, não pode haver uma só voz que proteste contra a sentença; porque a todos

elles e a todas ellas convem que eu seja reconhecido—*douido*.

Ha só uma voz que pode e hade protestar, é a minha, a voz suspeita, a voz do *douido*.

Por consecuencia estou—*douido* !!!

E amanhã, ou hoje mesmo, talvez d'aqui a uma hora quatro ou seis policiaes, quatro ou seis urbanos virão agarrar-me, e hão de conduzir-me ao hospicio da Praia Vermelha !

E meu irmão se mostrará compungido, e a prima Annica fingirá chorar, e a tia Domingas resará por mim nos seus rosarios !!!

E rir-se-hão todos de mim ! e me chamarão o—*douido* !

Meu Deus ! estarei eu realmente *douido* ?.

Ninguem comprehende os tormentos que soffri com esta nova perseguição da perversidade dos homens, com esta idéa da—*loucura*—que começou a agitar-me.

O atordoamento da minha cabeça augmen-

tou, a febre devorou-me com milhões de linguas de fogo e eu bradei em alta voz :
— Agua ! agua ! quem me dá agua? . . .

XXX.

Lembra-me que vi entrar o mano Americo, a tia Domingas, a prima Annica, e meia hora depois o medico da familia.

Lembra-me que eu quiz fallar e não pude, porque faltou-me a voz ; lembra-me que procurei saltar fóra do leito e não pude ; porque me segurarão.

Lembra-me que instinctivamente cerrei a minha luneta na mão direita, e que não houve esforço humano que pudesse conseguir abrir-me a mão, até que o medico, chegando nessa conjunctura, prohibio severamente o emprego de tal violencia.

Lembra-me que a prima Annica perguntou :

— Elle está mesmo *doudo*, senhor doutor?

E que o medico respondeu :

— Veremos.

Sabia resposta que não resolvia a questão.

Lembra-me que o doutor sangrou-me copiosamente no braço esquerdo.

Vi tudo isso sem poder dizer que estava vendo.

Depois sahirão todos, deixando ao pé do meu leito dous escravos possantes para, em caso de necessidade, conter o *doulo*.

Creio que dormi ; quanto tempo não sei, talvez mais de vinte e quatro horas.

Quando acordei, senti penetrante dôr na mão direita : erão os meus dedos que pregados na parte superior da palma da mão defendião a *luneta magica* : abri os dedos, levantei-os á custo.

Quiz ensaiar a voz e disse :

— Agua !

Derão-me agua, que bebi com ardor febril.

Descansando outra vez a cabeça no travesseiro, tornei a cerrar os olhos, mas com a consciencia de me achar completamente

accordado e reflectidamente determinado á fingir que dormia.

O meu coração palpitava normal, eu não sentia mais nem atordoamento de cabeça, nem calor, nem sêde: estava pois muito melhor, estava apenas um pouco abatido.

Ordenei minhas idéas, recordei quanto se havia passado, e tirei de tudo duas principaes conclusões: primeira: que havia geral conspiração para que eu fosse declarado *douido*; segunda que eu me achava no perfeito gozo das minhas faculdades intellectuaes.

E a melhor prova que a mim proprio dei da segurança do meu juizo, foi a resolução que tomei de proceder com prudencia e cautela, submettendo-me sem resistencia, nem opposição ao medico e aos meus tres parentes, e simulando-me ainda doente.

Havia porém uma condescendencia, á que de modo algum me prestaria: era a entrega da minha *luneta magica*, que em vão tinham já procurado arrancar-me; e para poupar-me á maiores lutas, tirei subtilmente o cordão que a fazia pender do meu pescoço, e atei-o

É uma das minhas pernas. Era um recurso fraquissimo, mas o unico de que me lembrei na situação em que me via com duas sentinellas dentro do quarto.

Calculei que para salvar as apparencias de caridade, ao menos durante alguns dias, não empregariao violencias materiaes contra mim no empenho de descobrir e tomar-me a *luneta*.

E' assim a natureza humana : na minha ultima noite de tormentosa vigilia, tive horror da *luneta magica* e até por vezes o pensamento de quebral-a, e agora a furia dos meus inimigos que a todo o transe querião privar-me do poderoso meio que me assegura a *visão do mal*, centuplica em meu capricho o valor desse thesouro, que eu só, e nenhum outro homem talvez possue no mundo.

O homem é assim ; menino mais ou menos malcreado toda sua vida.

O espirito de opposição, o prazer de contrariar os outros começam no berço e só acabão, quando chega a morte.

Se quizerem que algum homem grite :

— « não ! » ordenem-lhe que balbucie ;—
« sim. »

XXXI.

Asseverão que *estou doudo*, e eu me sinto no pleno e perfeito gozo de minhas faculdades mentaes.

Mas de que me aproveita a consciencia do meu estado, a certeza de que estou em meu juizo, se o mano Americo, a tia Domingas, a prima Annica, e toda a população do Rio de Janeiro me declaram *doudo* ?

A opinião publica que dizem ser a rainha do mundo decretou que me acho victima de alienação mental.

Victima concordo que eu esteja sendo ; mas alienado ? protesto.

Doudo porque ? porque tenho o privilegio de descobrir o mal que se dissimula ; e porque não ha mascara de hypocrizia, que resista á minha *luneta magica* !

Doudo !

Ah ! quantos homens de juizo não an-

darão por ahí declarados *doudos* somente para que os golpes certos de suas palavras terríveis percão a força, com que devem ferir e despedaçar a immoralidade, os vícios ignobéis e até os crimes de grandes figurões ?

Eu não creio, não posso mais acreditar na bondade ou na virtude de homem algum : todos são mais ou menos ruíns, falsos, e indignos ; ha porem alguns que sem duvida com o fim de ser mais nocivos aos outros, e para produzir maior damno, tem o merecimento de dizer a verdade nua e crua, e chamar as couzas pelos seus nomes proprios, tornando-se verdadeiros e francos certamente ainda por maldade.

Pois bem : esses perigosos falladores são em breve denunciados ao publico sempre enganado, como — *doudos*.

Conversem um pouco e em voz baixa com a nossa capital, e hão de reconhecer os fundamentos desta observação.

Um exemplo : um desses homens de palavra soltas e descomedida declara sem cere-

monia e declinando nomes que tal e tal sujeitos que chegarão á titulares e são considerados, lisongeados e adulados pela sua riqueza nas mais elegantes sociedades, merecião antes estar na casa de correccão por terem enriquecido com abuzos escandalosos e crimes, de que elle faz a historia. — É *doudo*.

Outro exemplo : um jornalista que escreve sem luvas de seda, chama na imprensa ao ministro que delapida, *delapidador* ; ao funcionario ou administrador que rouba, *ladrão* ; e assim por diante *sem limar o verso para que não fra*. Que *doudo* !

Terceiro exemplo : um desastrado fallador diz á um pae cego e doudo pelos filhos : — « os seus filhos são vadios e procedem indignamente ; » — á um espozó de quem é amigo : — « a vida reprehensivel que vives, a depravação de teus costumes não só te nodoão, como talvez preparem a vergonha da tua casa. não desesperes tua pobre mulher : corrige-te. » É *doudo*, absolutamente *doudo*.

E esses e outros semelhantes são doudos, e eu também estou *doudo*; porque?

Porque na sociedade a maior prova, o mais seguro symptoma de loucura é dizer a verdade sem reboço, mesmo quando a verdade pode ser desagradavel ou offensiva.

XXXII.

E em certos cazos de que vale a consciencia ao homem contra a guerra teimosa e perversa dos outros homens?

Nem Hercules contra dous: que poderá um contra todos?

Aqui estou eu certissimo de me achar em meu perfeito juizo e com serias apprehensões de ver-me obrigado á endoudecer em breve.

Os meus parentes, os meus conhecidos, e todos creem ou fingem crer, e dizem, proclamão, gritão por toda parte que estou *doudo*.

Ha situação mais horrivel e ameaçadora? ..

Considere-se cada qual no meu cazo.

Em casa apenas levantado da cama, e

durante o dia todo a familia, os parentes com hypocritas apparencias de compaixão á repettirem mil vezes : — « coitado ! está *doudo* .

Os falsos amigos em suas vizitas dizem-me : « trate-se ! creia que a *sua cabeça não está boa* .

Na rua, no passeio, no theatro, em toda parte uns á rir e a gritar : — está *doudo* ! outros com voz lastimosa á murmurar : — pobre moço ! está *doudo* .

Durante a noute guardas possantes velando no quarto do *doudo* .

E oito, quinze dias seguidos, um mez familia, amigos, conhecidos, desconhecidos, toda a população de uma cidade á repettir de hora em hora, de minuto em minuto, incessantemente : — está *doudo* ! está *doudo* !

Quem seria, quem é capaz de resistir á semelhante impulso violento para a loucura?...

De que vale em taes cazos a propria consciencia contra esse accordo geral que a condemna ?.

O homem mais forte cede exasperado á

convicção de todos, e em breve prazo começa á duvidar de si.

E desde que começa á duvidar de si, começa á enlouquecer

Oh ! é horrível !. é um martyrio que os algozes mais ferozes nunca imaginarão :

Mas eu heide reagir !

Zombarei da furia desses monstros que se chamão homens.

Sinto me grande, porque sou um á assoberbar á todos.

E para assoberba-los é condição indispensavel soffrer com frieza, resignação, e sem desesperar : saberei faze-lo : e alem da frieza e da resignação no soffrimento, é tambem essencial o mais profundo desprezo da humanidade.

Oh ! é impossivel que eu a despreze mais !

XXXIII.

Era dia, e eu estava já cansado de refletir e de esperar

Fraco, abatido e apprehensivo uma prolonga-

da e grave meditação podia ter consequências funestas para mim : tive medo da exaltação do meu espirito ; mas para domina-la, para arrancar-me á ella, eu precisava de uma distracção poderosa.

Mas de que modo entreter-me, distrair-me no triste encerro do meu sótão ; deitado no meu leito, e com guardas á dons passos?...

De que me havia de lembrar ? da minha *luneta magica* : foi uma lembrança muito natural.

Tanto tempo já tinha passado sem que eu gozasse o poder miraculoso desse tão perseguido vidrinho optico !

Não pude conter-me : á que risco me expunha ? os meus guardas erão escravos da familia e habituados á respeitar-me : eu estava certo de que elles não ouzarião vir lutar comigo para me tirar com violencia a *luneta magica*.

Não hesitei.

Com o maior cuidado e socego dezatei a *luneta magica*, que pouco antes atára prudentemente á uma de minhas pernas, e deitado, como

estava, não tendo objecto de escolha ou de preferencia em que a fitasse, fitei-a indifferentemente no tecto da casa.

O sotão, onde eu tinha o meu aposento, era cominodo, porém muito modesto, conforme as regras de humildade da tia Domingas: o tecto era de telha vã, e a casa já contava de existencia meia duzia de lustros.

O que a minha luneta me mostrou foi uma multidão de insectos muito communs, e demasiadamente conhecidos de todos nós para que eu me occupe em fazer a sua descripção, segundo os apreciei durante os tres minutos da *visão das apparencias*.

Chegada porém a *visão do mal* que immensa cohorte de demonios! quanta maldade em corpos tão pequenos.

XXXIV

Vi um grillo.

Em sua natureza malefica o perverso diabrete sentindo-se incapaz de produzir maior damno, roçando uma contra a outra base

de seus elytros produz o que lhe chamão canto, e que é um dos pequenos tormentos da humanidade.

Não julgueis que é insignificante o malificio; perturba o somno, gasta a paciencia, arranha os ouvidos, offende os nervos e impede o socego.

O grillo com o seu canto desagradavel, teimoso, e importuno é o typo desses homens crueis, estafadores da cortezia alheia, que muitas vezes tomão conta de uma pobre victima que tem em que se occupar, e horas inteiras a martyrisão com interminavel massada.

Felizmente para mim os grillos são mais frequentes nas assembléas legislativas, do que no meu sotão.

XXXV

Ao pé do grillo um seu irmão pela familia. vi um gafanhoto: outro malvado e ainda muito peor: é flagello em vida, e o tem sido depois de morto.

Vivo o gafanhoto é o inimigo do jardim, do pomar e da lavoura : dotado de infernal gula devora flôres e folhas, hervas e seáras : pelo seu pezo parece desprezível, e todavia quando invade em multidão incalculavel, quando é praga que ataca, ao seu pezo estalão arvores que derribadas cahem

Morto o gafanhoto é em certas circumstancias muito peor e nisso tem por igual o seu irmão grillo. Dado o caso de emigração ou de praga de gafanhotos e de grillos, se uma subita mudança atmospherica, alguma tempestade dá cabo delles, a consequente putrefacção da immensidade desses malvadiños, determina a peste que povoa os cemiterios.

Os grillos e os gafanhotos não são melhores que os homens.

XXXVI.

Vi uma pulga. A perversa estava cheia de sangue, talvez meu, com que se havia regalado, e attenta descansava em suas gran-

des patas posteriores prompta á dar o salto de ataque ou de retirada.

A pulga é a *parasyta sanguinaria* que vive á custa de muitos quadrupedes e que não pouco persegue o homem.

Vive de beber sangue a atroz, e frequentemente agrava a atrocidade, ultrajando o decoro com perseguição revoltante. Inimiga declarada do homem e da senhora, ouza de vassar o leito da honestidade e do recato, morder sem piedade a menina, a donzella, a espoza, a matrona, que temerosas dão-se á mil cuidados e diligencias para descobrir e apanhar a *incommoda sanguinaria* antes de se deitarem.

No *theatro* a pulga não falta, no baile tambem saltea, e assalta, embora menos frequente : as vezes vemos no *theatro* ou no baile uma elegante senhora, que parece preocupada, que indicia no rosto, e em leves movimentos contrafeitos achar-se de máo humor ou indisposta : debalde lhe perguntamos se soffre, ou se alguma couza lhe falta : ella o não confessa ; é porém uma

púlga insolente, que afferrada entre os dous niveos pomos, ou abaixo de algum delles lhe sorve o sangue com attricto cruel.

A pulga é um demonio que faz inveja á muita gente sem generosidade.

XXXVII.

Vi um mosquito: outro monstro sanguinario dez vezes mais barbaro que a pulga; porque a pulga farta-se do sangue em silencio, e não zomba das victimas, e o mosquito, á semelhança dos selvagens e dos barbaros que dançãvão festivos em roda dos cadaveres de suas victimas, o mosquito, digo, bebe sangue ao som de musica, ou antes e depois de bebe-lo em nossos corpos, canta enfadonho, insupportavel, desatinador, insistente como o grillo.

A natureza, que se me afigura mãi, fonte exclusiva do mal, auxiliou a perversidade do mosquito, dando-lhe em facetas imperceptiveis e innumeraveis imperceptiveis e innumeraveis olhos, com os quaes o mosquito

vê perfeitamente para diante e para traz, para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo, pelo que é licito concluir uma cousa horrivel, isto é, que cada mosquito enxerga muito mais do que os afamados estadistas do imperio do Brasil, que, segundo o testemunho dos factos, mostram ser tão myopes como eu.

Por esta consideração ainda mais detesto o mosquito.

XXXVIII.

Vi o cupim.

O cupim não é sanguinario ; mas a sua malvadeza não é menos prejudicial á sociedade.

A *visão do mal* patenteou-me segredos incriveis que li no seio recondito desse insecto destruidor.

O cupim estraga, aniquilla mais cabedaes do que certos ministros da fazenda e de obras publicas que temos tido no imperio

do Brasil: fação idéa de quanto elle estraga para vencer na comparação !

Conhecendo a faculdade destruidora do maldito insecto os carpinteiros, os livreiros, os alfaiates e as modistas fizeram commercio de amizade, e pacto de alliança com o cupim, e todos reunidos representão e formão uma firma commercial sob a denominação de *Cupim e C.^a*

Em dous annos arruina-se uma casa, em dous mezes fica em pó e renda uma bibliotheca, em duas semanas torna-se sem serventia um guarda-roupa.

E, note-se, o cupim é implacavel, profundamente desprezador de todas as conveniencias, e revoltoso ao ponto de não dar importancia nem á um decreto referendado pelo ministro do imperio: em seu furor o cupim é capaz de não parar nas velhas calças brancas da côrte, e de ir até roer as novas calças azues dos nossos gentiz-homens.

O cupim é portanto um insecto monstro que deve ser posto fóra da lei.

XXXIX.

Além do cupim vi uma aranha.

Feio bicho; era porem elle que principalmente dominava o tecto do meu sótão.

No centro da immensa têa que se estendia em admiravel rede de mil fios entrelaçados por baixo de todo o telhado o diabo da aranha se ostentava soberana.

A um movimento do ar que sacudia tenue fio da têa, a aranha avançava logo para, se era preciso, remendar ou dar nó á rede: ao toque de um insecto os fios tocados enlaçavão a mizera preza que a aranha hia logo devorar sem piedade.

O systema da contralisação pólitica e administrativa estava alli perfeitamente realiado pela aranha.

Era exactamente como a administração, a policia e a guarda nacional do Brasil.

Mas a aranha hia em perversidade muito alem desse dominio escravizador do telhado.

Feia, assassina, terrível a aranha excede em cruzeza a todos os animaes irracionaes, e, oh assombro ! até aos racionaes, até aos homens !

Como todos os insectos carnivoros caça, mata e devora outros insectos.

Peior que os outros insectos assassinos, guerreira, e mata os da sua propria especie á semelhança dos homens.

E ainda peor que os homens, a aranha, o typo da malvadeza levada ao zenith, á sceleratez *non plus ultra*, á mais horrivel excepção em tudo, a aranha mistura o amor com o odio e o gozo com o assassinato, a aranha cede ao instincto, obedece á lei da reproducção da especie, e satisfeito o imperio natural da lei, a aranha, como a antiga e fabulosa amazona, ataca, fere, e mata aquelle mesmo que pouco antes lhe dera a gloria proxima de encher de ovos prolificos a sua têa.

Onde se vio perversidade semelhante ! ! !

XL.

Horrorizado da aranha, desviei della a

minha *luneta mágica* e em movimento de repulsão levei-a até uma das extremidades do telhado, onde encontrei metade do corpo de um *rato* que me olhava esperto, e com ar que me pareceu de zombaria.

Senti vivo desejo de estudar o rato e fixei-o com a minha *luneta*; mas o tratante sómente se deixou exposto durante minuto e meio, e fugio-me, deixando-me ouvir certo ruído que me pareceu verdadeira risada de rato.

E fiquei sem poder apreciar esse quadrupede roedor e damnhinho pela *visão do mall*

O rato é de todos os animaes que tenho encontrado, o unico que não me foi possível estudar tanto, quanto desejava.

Porque?

Seria isto effeito do acaso?

Ou é que os *ratos* tem no Brasil o privilegio de escapar á justa curiosidade, e ás justissimas diligencias perseguidoras de quem os deve apanhar, e pôr em boa guarda?...

Não creio nesta segunda hypothese.

As ratoeiras abundão: todos o sabem.

Agora o que desconfio que seja verdade, é que a justiça publica arma ratoeiras que só apãhãõ os camondongos, e deixa e tolera que famosas ratazanas vaguem impunes, floresção, e brilhem, fazendo farofa pelas ruas da cidade.

XLI

Ainda conservava fixada a minha luneta magica no ponto, donde me fugira o rato, quando senti rumor de pessoas que vinhão subindo a escada do sotão e ouvi distinctamente a voz do medico.

O meu primeiro cuidado foi immediatamente esconder a luneta do mesmo modo que antes fizêra e em seguida fechei os olhos e fingi que dormia tranquillo somno.

Era meu intento fingindo-me adormecido, ouvir as observações do medico e dos meus tres ruins parentes para saber o que devia esperar e temer, e como me cumpriria, ou me conviria proceder.

Confesso que foi grande atrevimento meu

querer illudir o medico com um somno falso ; contei porém a ligeireza habitual dos exames de muitos desses doutores que depois do primeiro e esmerilhado estudo do doente, suppõe governar a natureza e a molestia, e dão á cada uma de suas vizitas a duração de—cinco minutos por cerimonia.

Desconfio que a *visão do mal* tem me tornado mordaz ; mas os homens merecem ser tratados assim.

XLII

Entrarão.

Reconheci as vozes do doutor, do mano Americo, da tia Domingas, e da prima Annica

— Elle dorme ; dice a prima Annica.

— Somno reparador ; observou o medico com um tom magistral.

E logo tomou-me o pulso com a maior delicadeza para não me despertar ; tocou-me a fronte, passando por ella a palma da mão, e examinou-me o calor dos pés.

— Do mais grave perigo está salvo ; dice, então o doutor ; operou-se uma crize benéfica, e a congestão foi a tempo embaraçada. Respondo pelo nosso homem.

— A noticia não pôde ser mais agradável ; dice o mano Americo ; mas eu receio muito alguma recaída.

— Não é impossivel.

— A causa subsiste.

— Que causa ?

— A posse em que elle está da luneta que suppõe magica.

— Luneta que é obra do diabo ! exclamou a tia Domingas.

— Luneta aleivosa e má ; accrescentou a prima Annica.

— Minhas senhoras, não indiciem acreditar no poder magico da famosa luneta para que eu não me convença de que devo tratar aqui de tres doentes em vez de um.

— Essa é boa ! tornou a tia Domingas : pois seria a primeira vez que o espirito maligno fizesse das suas no mundo ? bem se diz que os medicos não são religiosos.

O senhor doutor talvez tenha razão : dice Annica; ha porém cousas que fazem tontear a gente !

— Eu creio ; respondeu o medico em tom brincão : a senhora por exemplo não tem em si o espirito maligno, e com tudo aposto que terá feito andar ás tontas as cabeças de muitos moços de bom gosto.

— Ora. ora.

— Mas, doutor ; acudio o mano Americo: tratemos seriamente d'este caso : eu tambem não tenho a simplicidade pueril de acreditar no poder magico da luneta fatal : todavia meu irmão está possuido d'essa idéa.

— O que é máo symptoma ; convenho.

— Muita gente se julga offendida pela luneta e a teme.

— Segue-se que tambem é preciso tratar dessa gente que padece tanto, como seu irmão.

— O doutor graceja.

— Não ; fallo serio.

— Penso que couvinha muito e ainda mesmo á força tomar essa luneta, e quebrá-la.

— Francamente ; dice o medico ; julgo que s.u irmão illudido por um supposto magico, tem-se tornado victima da própria imaginação exaltada no maior extremo ; com effeito essa illusão, de que elle é escravo, assumio o caracter de mania.

— Então.

— Ou é possível ou impossivel curar-lhe a mania : se é impossivel, para que atormentar seu irmão inutilmente ? se é possível, nós o curaremos da mania mais tarde.

— Mas.

— Agora eu o vejo escapando apenas á um ataque cerebral que ameaçou tomar proporções terriveis, e o resentimento de qualquer violencia que elle soffresse, seria capaz de leva-lo á sepultura.

— E a influencia malefica da luneta ?

— Prohibo que contraiem e que desgostem de qualquer modo o nosso doente.

— Então elle está realmente *doudo*, senhor doutor ? perguntou Annica.

— Cuidado, minha senhora ; seu primo foi muito seriamente ameaçado de uma con-

gestão cerebral : acudimo-lo á tempo ; conseguimos prevenir um caso talvez desesperado ; mas qualquer imprudencia póde ainda ser fatal.

— A minha pergunta.

— Foi menos prudente : se seu primo a ouvisse receberia cruel impressão. Felizmente elle dorme.

XLIII

Senti verdadeira dôr de consciencia por estar com o meu fingido somno enganando ao homem que tão ducidido me deffendera.

Abri os olhos ; fiz de conta que despertava.

— Como vamos ? perguntou-me o doutor.

— Acho-me bom ; mas fraquissimo.

— Fui eu que o enfraqueci : tirei-lhe sangue, como nenhum outro medico se lembra mais de tirar : agora a moda é condemnar a lanceta ; eu porém adoro ainda a minha.

— Obrigado, doutor. Se me quizer estender sua mão, eu a beijarei. duas vezes.

— Tão bom me acha ?

— Pela minha gratidão acho-o optimo.

— Logo nem todos os homens são máos.

Compreendi a allusão e guardei silencio.

— D'aqui a alguns dias resolveremos esta importante questão : agora não lhe permitto conversar nem mesmo com os seus parentes.

— Póde ficar descançado nesse ponto, doutor ; juro-lhe que não lhes darei nem palavra.

— Que ingrato ! murmurou Annica que me apertava uma das mãos.

— Além disso quero que esteja absoluta, perfeitamente tranquillo, e sem a mais leve apprehensão triste ou temerosa no animo.

— Como ?

— Que é da sua luneta ?

— Tenho-a escondida, doutor.

— Escondida porque ?

— Não me pergunte o que sabe: a minha luneta é o unico thesouro que possuo no mundo ou na vida, e querem roubar-m'a!!!

— Não é preciso exaltar-se tanto: confie mais em seus parentes que o amão, e que são os primeiros á garantir-lhe a posse do seu pretendido ou verdadeiro thesouro.

— Hontem a noute empregarão a força, lutarão, magoarão-me para arrancar-me a luneta.

— Engana-se: hontem a noute o senhor teve ardente febre e delirio. não se passou, o que acaba de dizer: póde usar de sua luneta sem receio algum: tranquillise-se, serene o seu espirito: os seus parentes estão aqui, e em prova de cuidado e de amor estão promptos, embora não seja isso necessario, á dar-lhe todas as seguranças...

— Sim, mano Simplicio; dice Americo com acentuação enternecida; podes uzar da tua luneta com a mais plena liberdade, que eu serei o primeiro á fazer respeitar por todos os meios.

— **Benza-te Deos, menino!** que mal nos faz a tua luneta? exclamou a tia Domingas.

— **Primo, eu preferiria morrer á cauzar-lhe o menor desgosto:** assobiou suavemente Annica com a sua voz de musica afinada.

— **Já ouviu?** perguntou-me o doutor.

Eu estava dentro de mim revoltado contra aquella hypocrizia refinada dos meus tres parentes inimigos: por elles media, aquilatava ainda uma vez a perversão e a malvadeza da humanidade, e em meu assanhado resentimento desejei castigal-os, ostentando a minha desconfiança.

O medico proporcionou-me a oportunidade do castigo.

— **Que é da sua luneta?** perguntou-me elle outra vez, notando sem duvida a minha reflexão.

— **Receio.** desconfio sempre; respondi com azedume franco.

— **Apresente-a; sirva-se della; conte com a protecção de seus parentes.**

— **E quem é delles o fiador?** perguntei acerbo.

Percebi um movimento, triplice movimento de contrariedade e de viva impressão de offensa : libei a minha vingança.

— Injusto irmão ! dice Americo.

— Que peccado contra a natureza ! bradou a tia Domingas, accrescentando em voz baixa: ave Maria, Deos te perdoe !

— Meu primo ! como você é ingrato ! balbuciou a prima Annica.

O doutor desatára á rir.

Os medicos são os homens que mais riem ou os homens que nunca riem, porque são os homens que mais e melhor estudão a humanidade por obrigação do officio.

Eu quiz provar que me não deixára commover, e applaudindo em minha consciencia a eloquente risada do medico, firmei a sentença da minha bem fundada desconfiança, repettindo a pergunta :

— E quem é d'elles o fiador ? quem se atreve á ser o fiador dos meus tres parentes ?

— Eu ; dice o doutor.

Sem mais hesitar desatei a luneta, e

apresentando-a, fixei-a ousadamente, observando em rápido volver as quatro pessoas que estavam diante de mim.

O medico ria-se, como um sarcasmo á rir desenvoltamente.

O mano Americo, a tia Domingas, e a prima Annica mostravão-se contrafeitos pelo vexame, e no mais completo e ridiculo desapontamento

Como é vil, ruim, baixa e indigna a humanidade !!!

XLIV

Este medico será uma excepção entre os homens? será bom e honesto? a sua boca pronunciou palavras justas e leaes; o seu proceder foi o de um medico consciencioso: enganou-se com o meu fingido somno ou por ligeireza de observação, ou por inhabilidade; mas que será este homem no fundo do coração? evidentemente elle me defendeu: pareceu-

me bom e honesto ; eu porém não me fio mais em apparencias.

Heide com a *luneta magica* estudar o meu doutor, quando tiver occasião opportuna.

XLV.

Passaram pouco mais ou menos assim cinco dias.

Eu me sentia perfeitamente restabelecido; mas o medico teimava em administrar-me colheres de uma preparação que ajudada de severa dieta debilitava-me cruelmente.

Este tratamento martyrisava-me : no quinto dia obtive que se suspendessem as malditas colheres de remedio que me estavam prostrando ; mas ainda me ficou a dieta apenas ligeiramente modificada no sentido reparador.

Apesar disso o medico me convinha : achei nelle o meu protector, e, o que é mais, o defensor dos meus direitos de posse absoluta da *luneta magica*. Ouvi-o por mais de uma vez lançar o ridiculo sobre os meus tres feroces parentes que teimavam em sustentar

a conveniencia de despojar-me do meu thezouro.

Estimei, amei, adorei o excellente doutor, o unico homem, que eu tinha encontrado com bastante amor á verdade para sustentar que eu não estava *doudo*, e que não tinha receio da *minha luneta*, cujo poder, se eu nisso acreditava, era dizia elle, apenas innocente mania facilmente curavel.

Esta ultima apreciação, que era um erro, e talvez notavel contradicção de medico, pois se havia em mim tal mania, era facil que ella me levasse á perda completa do juizo, essa contradicção, que bem podia ser um recurso de consolação empregado pelo doutor, por fim de contas me era util, e tão agradecido me reconheci que deliberei não fitar a *minha luneta* no doutor

Eu devia-lhe tanto, que preferi viver enganado com elle á expôr-me á descobrir sentimentos repugnantes nesse homem.

XLVI.

Em todo este tempo o meu extremoso

irmão que com tristes lamentações insistia em considerar-me doudo, conservara sempre no meu quarto um ou dous escravos de sentinella.

No setimo dia de tratamento o doutor logo que entrou acompanhado dos meus tres adoraveis e estremecidos parentes, despedio as malditas sentinellas, declarou que não erão necessarias e que pelo contrario deverião ter sido dispensadas desde o segundo dia.

Ficamos no quarto, o doutor, o mano Americo, a tia Domingas, a prima Annica e eu.

— Ora pois ! dice o medico, dirigindo-se a mim ; o senhor está bom, e hoje venho despedir-me do seu tratamento.

Desfiz-me em agradecimentos, que me sahiram do coração.

— Muito bem, tornou elle ; quero pôr em prova immediata a sua gratidão.

— Que quer de mim ? mande, doutor.

— Todos fallam da sua *luneta magica* ; o senhor pretende que por meio della pôde lêr no livro intimo dos sentimentos dos homens : é isto verdade ?

— E' verdade, doutor.

— Optimamente : eu duvido de tudo isso e quero que dissipe as minhas duvidas : dá-me palavra de honra que hade dizer em alta voz tudo quanto lér e encontrar nos arcanos da minha alma, fixando em mim sua luneta ?

— Doutor !

— Eu o exijo.

— Oh ! não !. eu lhe devo muito.

— Eu o exijo. Dá-me palavra de honra?....

— Dou-lh'a : é a pezar meu ; mas dou-lh'a.

— Fite pois em mim a sua luneta : eia ! venha a experiencia.

Com impetos de curiosidade, talvez de insensata saudade da *visão do mal*, tremendo porém de grato medo, fixei a luneta magica no rosto do medico, que immovel e inabalavel se deixou observar.

Vi e fui dizendo o que via.

— Cabellos castanhos e crespos, fronte soberba, olhos pequenos, mas brilhantes e incisivos no olhar, nariz aquilino, faces pallidas, labios grossos e eroticos, pouca

barba, mãos finas e delicadas, corpo bem feito, e. oh !

— Que é isso ?..

— A visão do mal !. exclamei.

— Venha ella !

— Não ! não ! não !

— Deu-me a sua palavra de honra : cumpra-a !.

— Não !

— Eu o exijo.

Obedeci e fallei tremendo e á pezar meu.

— Bella intelligencia, e estudo profundo desvirtuados pela ambição do ganho, e pelo embotamento da sensibilidade ! o senhor desperta á meia noite ao chamado anhelante de um pobre, cuja esposa lhe dizem que agoniza, e responde friamente : « procurem outro medico : se a mulher agoniza, não vou lá : » e conchegando ao corpo os lenções, dorme sem remorsos : o senhor faz pacto de alliança com as molestias dos ricos que pagão, prolonga os tratamentos para multiplicar as vizitas, e dobrar os lucros. .. o senhor é materialista e incredulo, não admite

alma, espirito, ri da vida eterna, admira o acaso, e não reconhece Deus, creador do universo, creador do homem, Deus do castigo do máo que não se arrepende, Deus do perdão do peccador constricto !. O senhor é o homem da intelligencia, raio do céo, e da sciencia incompleta, vaidosa e corrompida da terra ! o senhor é uma fonte de erros e de abominações, o senhor é perverso !.

O medico desatou em estrondosas gargalhadas, talvez para disfarçar a confusão em que sem duvida ficára, e sahio do quarto, rindo-se cada vez mais estrepitosamente em seguimento de meu irmão, de minha tia e de minha prima que fugirão espantados do testemunho tremendo da *visão do mal*.

XLVII.

A *luneta magica* tinha cahido no meu collo e eu me abysmei nas mais tristes reflexões.

Ainda um desengano, o ultimo ! o doutor que fôra tão bom, tão leal para comigo, que se me afigurára tão escrupuloso no tratamento

da minha molestia, que com tanto acerto combatera, o medico que usando da sua auctoridade prohibira que empregassem a menor violencia para me arrancarem a minha luneta, esse homem que eu quizera que fosse uma excepção entre os homens, era como os outros e mais do que muitos outros, indigno da minha estima pelo seu ruim caracter.

Os seus escrupulosos cuidados tinham tido por fim demorar a cura para ganhar mais dinheiro !.

A defeza da *minha luneta* fôra devida a incredulidade materialista, que o levava até o selvagem extremo de negar a existencia do espirito que anima o homem, e de Deus sempiterno e omnipotente !.

Isso porém, não me espantou : affligi-me afflige-me ; mas eu já estava preprado para o desengano cruel : a meu despeito, a despeito dos impulsos da gratidão, eu já desconfiava do medico.

O que me preocupa agora, o que me atormenta é a negridão do meu futuro, é a incerteza terrivel dos tormentos que me esperão.

Que será de mim? que vou eu sofrer?
porque provações vou passar?

XLVIII.

Não posso mais ser feliz : é impossível.

Aborreço a todos, e todos me aborrecem.

Sou um contra todos, a sociedade tóda está em guerra aberta contra mim. Não pôde haver lucta, vou succumbir : calirei ao primeiro golpe.

O grito do primeiro garoto, a pedrada do primeiro menino malcreado será o annuncio do meu sacrificio.

A voz geral brada que estou *doudo*.

O medico que me tratou protesta que não estou *doudo* ; mas confessa que estou *maniacco*. A distincção não me salva.

Ficarei para sempre fechado neste quarto, ou, se apparecer na rua, gritarão mil vozes : « o *doudo* ! o *doudo* ! »

E arrastarão o *doudo* para o hospicio dos alienados.

E me arrancarão á força a minha *luneta ma-*

gica, e hão de quebral-a, destruir o poder da visão do mal !.

Oh ! é horrível esta situação.

XLIX.

E de que me serve mais esta *luneta* fatal ?

Ella já me fez conhecer á sobras o mundo e os homens. D'ora ávante nada mais pode ensinar-me que seja novo para mim.

Se m'a arrancarem, se a quebrarem, ficarei em todo caso com a sciencia que ella me deu.

Que a quebrem pois ! pouco importa.

O que me apavora é a incerteza e o medo dos trances, á que tenho de sujeitar-me.

Se ao menos eu soubesse, se eu pudesse prever o que se projecta, se planeja, e se realisará contra mim amanhã. de hoje a tres dias, d'aqui a um mez ou mais tarde.

Se eu pudesse acabar de uma vez com esta incerteza que é o peor dos martyrios.

Oh !

O *armenio* me prohibio fixar a *luneta magica* por mais de treze minutos, sobre o mesmo objecto, porque além de treze minutos começaria a *visão do futuro*.

A *visão do futuro* ! é a que eu aspiro, o que ardentemente agora desejo.

E' verdade que o *armenio* tambem me assegurou, que a *visão do futuro* me era negada, e que a *luneta magica* se quebraria entre meus dedos, se eu a fixasse sobre o mesmo objecto por mais de treze minutos.

Mas quem sabe se o *armenio* procurou enganar-me? quem me diz, que elle não inventou esse meio, que não empregou essa prohibição dolosa para impedir que eu chegasse até a *visão do futuro* e della me aproveitasse?

A *visão do futuro* me daria poder igual ao do mais abalísado magico : com ella eu seria igual ao *armenio*.

Diz-me o coração que o *armenio* quiz enganar-me, e que eu posso ter a *visão do futuro*; e por ella igualal-o na extensão do poder magico.

Quero fazer a experiencia. Que me pôde acontecer de peor? quebrar-se a *luneta* entre os meus dedos. ora! .. e sem a *visão do futuro*, de que, para que mais me serve esta *luneta*?

L.

O desejo impetuoso, irresistivel da *visão do futuro* dominou-me absolutamente.

Ardi por effectuar a experiencia.

Mas o futuro que eu principalmente e antes de tudo almejava conhecer, era o meu.

Como era possivel que eu fitasse a *minha luneta magica* em mim proprio, no meu proprio rosto?

Pensei debalde uma hora, e acabei entendendo que não ha recursos para vencer o impossivel.

Pois ha! mercê do encanto prodigioso da *minha luneta magica*, ha.

Em um momento de inspiração que me pareceu feliz, lembrou-me de fitar a *luneta*

na imagem do meu rosto reflectida pelo vidro do espelho.

E saltei da cama, e corri ao espelho, e fitei na imagem do meu rosto a *luneta mágica*.

LI.

Vi-me pallido, abátido, desfigurado, vi-me outro, e muito differente, do que eu ainda era um mez antes. vi meus olhos encoados, e meu olhar inquieto, cheio de flammas, e como que temeroso. vi sem dar importancia ao que via, os senões e talvez os dotes phisicos do meu semblante.

Eu estava ancioso pelo fim dos treze minutos ; quasi que não tinha consciencia do que estava por força vendo. eu tremia, e esperava a *visão do futuro* : era a minha idéa exclusiva.

De subito estremeci violentamente.

Oh! sem que eu nisso cuidasse, sem que eu com isso tivesse calculado. oh!. che-

guei antes da *visão do futuro* á *visão do mal!*

E quereis sabel-o ? . . . vi a minha perversidade ! .

Meu Deus ! isto é necessariamente mentira, ou castigo : meu Deus ! eu não sou assim !

Vi que sou o mais infame calumniador, e inimigo dos meus parentes ! vi que em phrenesi de malvadeza infernal assaco aleives contra os homens, atiro aleives sobre nobres senhoras, e innocentes donzellas, ousou insultar ao pé dos altares os sacerdotes, respiro o mal, vivo do mal, semeio o mal.

Eu estava em convulsão . . . detestava-me... tinha horror de mim proprio, desprezo pela minha torpe individualidade, vi-me tão immundo, tão profundamente vil e asqueroso, que dezejei cuspir, e, se pudesse teria cuspidido no meu rosto.

Vi-me ainda venenoso como a peor e a mais enraivada das serpentes ; vi-me em furias de enraivadas atrocidades, possesso do demonio, vi-me morder em delirio todos os seres da

creação, e maldito hediondo, horroroso, ultrajando a Deos, o creador.

Soltei um grito de pavor indisivel, e apertando desesperado os dedos, quebrei, fiz em migalhas a luneta, e sem sentir a dor da mão ferida e ensanguentada pelos pedaços de vidro que tinham nella se entranhado, fui cahir no leito chorando desabridamente, e por entre dolorosos soluços, bradando em alta voz.

— Perdão!. perdão! perdão!.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).